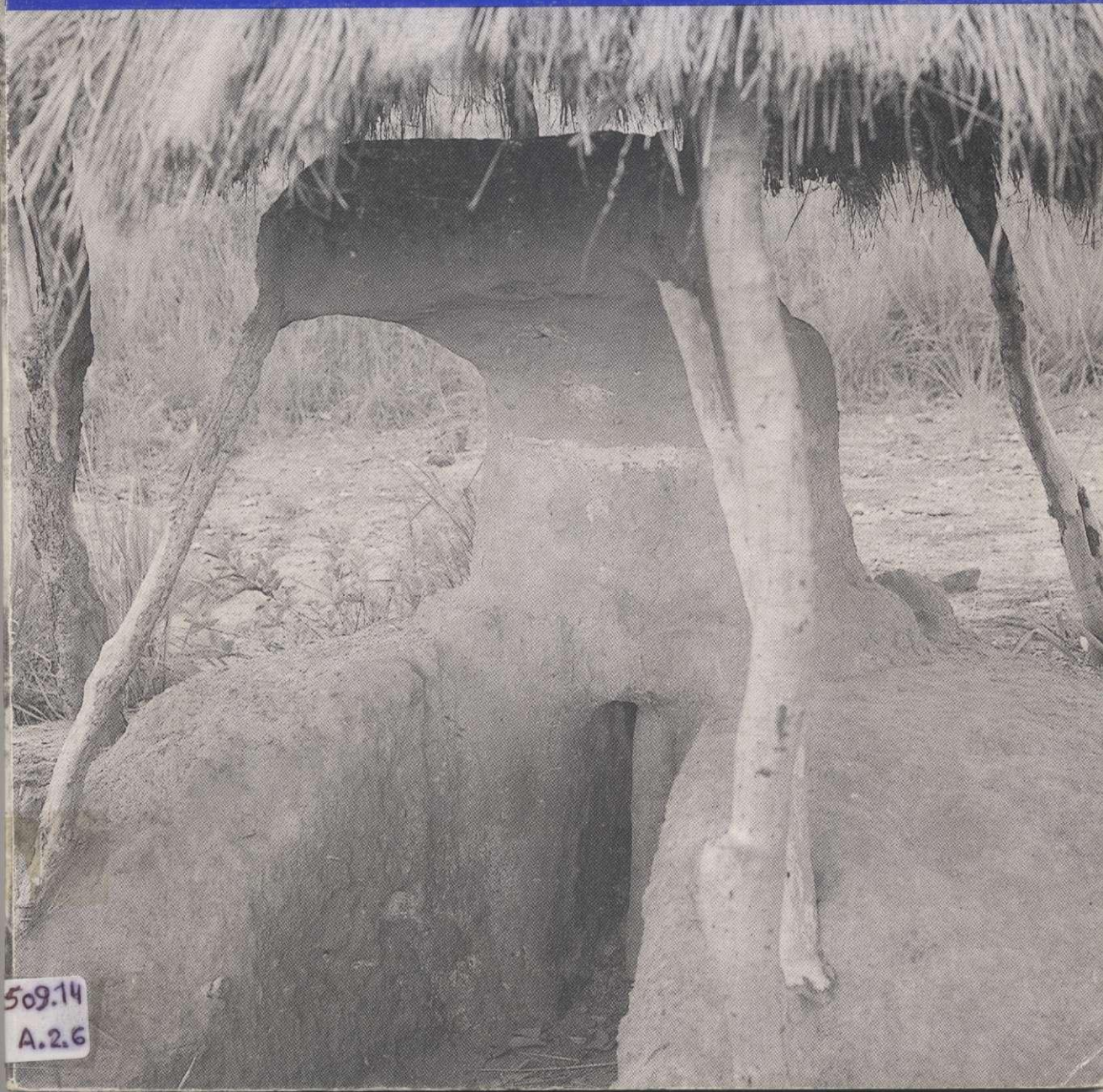


arqueología

NÚMERO DEZANOVE



509.14
A.2.6

Subsidiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e pelo Instituto da Juventude

Índice

- | | |
|--|---|
| <p>1 Arqueologia, património e investigação
por Luís Raposo, do M.N.A.E. (Lisboa).</p> <p>5 Editorial
por A. R. Garcia Lamas, do I.P.P.C.</p> <p>7 Antropologia de campo...
por M. Helena Moura (bolseira em França).</p> <p>16 More data for an archaeological map...
por E. Carvalho (Speleo Club de T. Vedras), Lawrence G. Straus (Univ. New Mexico), B. J. Vierra (Univ. New Mexico), João Zilhão (Inst. Arq. Univ. Lisboa) e Ana C. Araújo (M.N.A.E.).</p> <p>34 Inovação Tecnológica e Desigualdade Social
por P. J. da Mota Santos (Porto).</p> <p>48 Aspectos Generales del Megalitismo Galaico
por F. Criado Boado e R. Fábregas Valcarce (Univ. Santiago).</p> <p>63 O Menir de Marco de Anta (Ponte da Barca)
por E. J. Lopes da Silva (Inst. Arq. Univ. Portucalense e G.I.A.N.), E. Maria M. Moreira da Silva (Inst. Arq. Univ. Portucalense) e J. D. Araújo Ribeiro.</p> <p>72 Mamoã 1 do Calvário, Escariz - Arouca
por F. Augusto P. Silva (Cent. Arq. Arouca).</p> <p>85 Campanha de escavação e consolidação...
por Ana M. Bettencourt (Univ. Minho).</p> <p>114 5 Datas de C14 para a Pré-História...
por M. de Jesus Sanches (Inst. Arq. Fac. Letras do Porto).</p> | <p>116 Las representaciones de caracter...
por J. Fernández Pintos (Mus. Munic. de Vigo).</p> <p>124 O Ferro na antiguidade
por José Cavalheiro (Fac. Eng. do Porto).</p> <p>133 Horse fibulae in the early La Tène period
por Ruth e Vicent Megaw (Flinders University of South Australia).</p> <p>143 Tongobriga (Freixo — Marco de Canaveses)
por Lino Augusto T. Dias (S.R.A.Z.N. — I.P.P.C.).</p> <p>147 Sobre a cronologia dos «passadores em T»
por M. Jorge Barroca (Inst. Arq. Fac. Letras do Porto).</p> <p>153 Protecção do património</p> <p>156 Museus</p> <p>162 Instituições</p> <p>163 Arqueólogos</p> <p>169 Publicações Recentes</p> <p>171 Notícias</p> |
|--|---|
- Extra-texto:** fichas de introdução à Arqueologia:
- Arqueologia (História da)** (sécs. XV — XIX), por V. O. Jorge
- Arqueologia (Panorama da)** (séc. XX), por V. O. Jorge
- Campaniformes (Artefactos não cerâmicos) (N. Portugal)**, por S. O. Jorge
- Sepulturas escavadas na rocha**, por M. J. Barroca

CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA MAMOA 1 DA CERQUEIRA (Serra do Arestal — Sever do Vouga) ⁰

por Ana M. S. Bettencourt*

0 — INTRODUÇÃO

A mamoa/dólmen 1 de Cerqueira ou Casa da Moura, nomes pelo qual o imóvel é conhecido, insere-se numa necrópole que conta actualmente com oito monumentos dos onze detectados nos anos cinquenta¹.

Cinco destes monumentos apresentam características megalíticas evidentes, sendo os restantes poucos perceptíveis na paisagem, motivo pelo qual evitámos nomear esta necrópole de megalítica.

A área ocupada pela necrópole não devia ultrapassar um hectare embora tenhamos que admitir a existência de outros monumentos, que por serem pouco perceptíveis nos tenham escapado nos trabalhos de prospecção que realizámos.

Apesar da mamoa 1 da Cerqueira ter sido escavada em 1956², achámos necessário intervir de novo nesse monumento devido ao estado adiantado de erosão que nele se fazia sentir e pela necessidade de estendermos os estudos à área circundante da câmara e corredor. Do mesmo modo, pretendemos consolidar e restaurar este monumento, que é hoje de valor concelhio.

1 — LOCALIZAÇÃO E MEIO FÍSICO

A necrópole da Cerqueira situa-se na província da Beira Litoral, distrito de Aveiro, concelhos de Sever do Vouga e Vale de Cambra, freguesias de Couto de Estêves e Arões, lugares de Cerqueira e Cercal respectivamente.

As coordenadas quilométricas (apenas para a mamoa 1), segundo a «Carta Militar de Portugal», na escala de 1/25.000, folha nº 165, Arões (Vale de Cambra), levantamento de 1945 são as seguintes: M = 185,10 e P = 423,40, à cota máxima de 500 m (Fig. 1).

A necrópole integra-se na bacia hidrográfica do rio Vouga e localiza-se numa importante chã da vertente Este da serra do Arestal, uma das elevações que juntamente com as serras da Freita e Arada constituem o maciço da Gralheira. O Arestal, situado na margem direita do Vouga, atinge a sua altitude máxima à cota de 859 m e tem de

extensão cerca de 12 Km.

Segundo a «Carta Geológica de Portugal», na escala de 1/50.000, folha 13-D, Oliveira de Azeméis, de 1981, os planaltos superiores desta serra, são compostos essencialmente por xistos argilosos, grauvaçoides e quartzitos cinzentos, aflorando em determinadas zonas, filões de quartzo e quartzodioritos, assim como alguns granitos de tendência alcalina. Na encosta Este, a que nos interessa particularmente, por nela se inserir a necrópole e a mamoa em estudo, predominam os granitos de tendência alcalina e filões de quartzo em profusão.

Segundo a «Carta dos Solos de Portugal», e a «Carta de Capacidade de Uso do Solo», na escala de 1/1.000.000, a região em estudo insere-se numa zona de Cambissolos húmidos de classe C e de utilização agrícola condicionada.

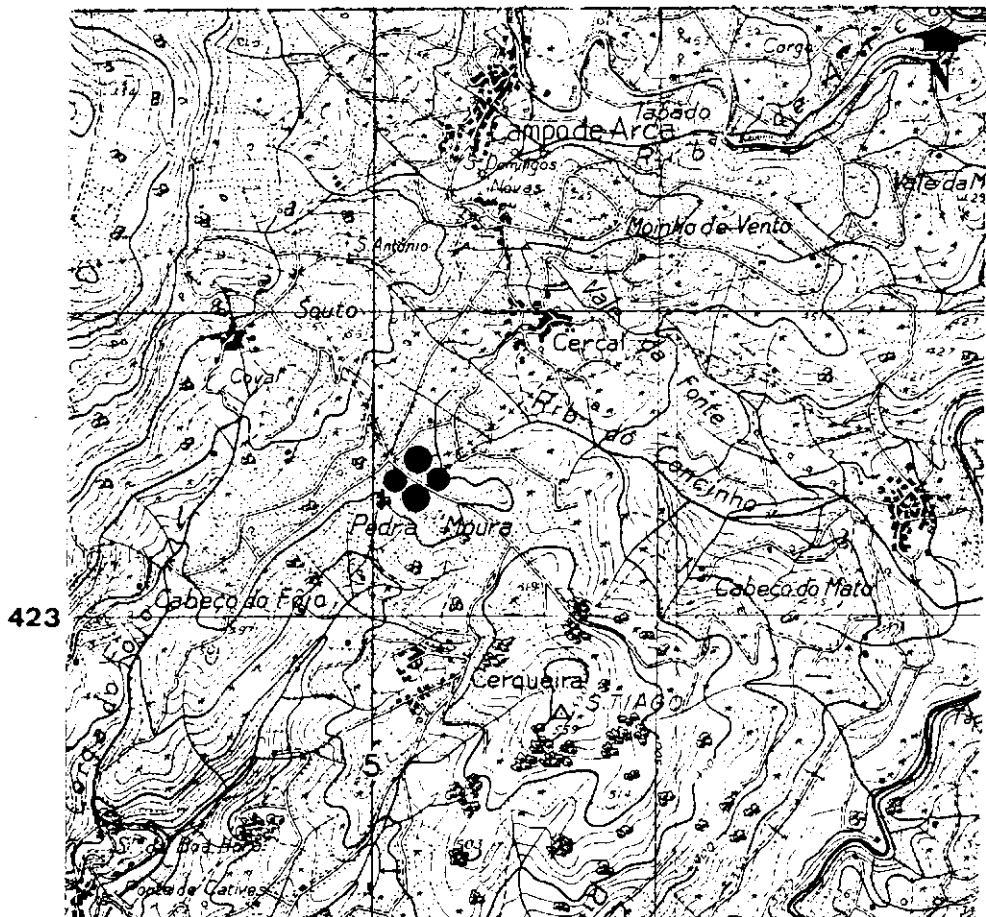
O revestimento vegetal é composto actualmente por florestas de pinheiros com algumas manchas de carvalhos e por culturas cerealiíferas com predominância do milho.

O posicionamento desta necrópole na chã referenciada apresenta alguns aspectos a considerar: localiza-se no seu extremo Sul, a poucos metros de uma vertente abrupta onde se avista parte do vale do Vouga; a Norte, estende-se por alguns quilómetros uma área plana agricultada; a Oeste, eleva-se a encosta da serra do Arestal, cujas chãs superiores, a 200/300 metros do local da necrópole, ofereceram até ao século passado boas condições para a exploração de gado bovino e caprino; finalmente, a Este, afloram novas colinas, isolando a área agrícola da chã e tornando este local favorável ao estabelecimento das comunidades humanas. Veja-se a localização dos lugares da Cerqueira, Cercal, Campo de Arca e Coval que se situam, *grasso modo*, à volta ou inseridos na própria chã (Fig. 1).

A necrópole foi atravessada por um estradão que liga os referidos lugares entre si e que destruiu a mamoa pelo lado NE.

De assinalar nas proximidades, outras zonas com monumentos megalíticos: a mamoa do Cabeço do Fojo a cerca de 800 m. para SO³, bem como a já desaparecida mamoa do Cabeço de S. Tiago que ficava a cerca de 500 m. para SE⁴. Na encosta da serra, encontram-se as mamoas 1 e 2 do Souto do Coval, a cerca de 800 m. para NNO⁵, e a N,

* Assistente Estagiária da Universidade do Minho



185

Fig.1 — Localização da necrópole da Cerqueira na C.M.P. na escala de 1/25.000. Círculos pequenos — 1 monumento; Círculos maiores — 3 monumentos. O monumento escavado está assinalado com o nº 1.

a 1 km., a semidestruída mamoa das Novas⁶. De referenciar a notícia de outros monumentos a E e a N que ainda não tivemos oportunidade de confirmar.

2 — METODOLOGIA

A metodologia aplicada na escavação deste monumento sepulcral foi a usualmente praticada pelos arqueólogos que se dedicam a este tipo de trabalhos.

Procedemos de início à limpeza e quadriculagem da área de inserção do monumento (20x20)⁷, efectuando posteriormente o levantamento topográfico metro por metro⁸ (Fig. 2). Fizemos corresponder o nível «O» convencional ao ponto mais alto do esteio de cobertura. Após o desenho dos elementos pétreos que afloravam à superfície da mamoa, procedemos ao início da escavação; abrimos três sanjas de

sondagem com uma largura de 2 m. cada, de acordo com os pontos cardeais: a sanja Sul, a Oeste e a Este. Para uma melhor compreensão das estruturas do corredor, resolvemos abrir também a sanja Este-A.

A decapagem dos quadros E₃, E₂, D₄, D₃, D₂, C₅, C₄, C₃, B₅ e B₄ achada conveniente pelo facto de estarmos a trabalhar numa região cujo conhecimento do megalitismo está a dar os seus primeiros passos, visaram a compreensão e delimitação da estrutura pétrea da mamoa.

Decapados em área todas as sanjas e quadrados, procedemos ao desenho e fotografia da estrutura pétrea, cotando-a quando necessário. Na fase seguinte, iniciámos a desmontagem da estrutura pétrea até à rocha de base nas sanjas Sul e Oeste, visando obter cortes estratigráficos, também eles desenhados, fotografados e de onde retirámos amostras de terra para posteriores análises pedológicas.

Simultaneamente, o corredor e a câmara foram alvo de intervenção; numa primeira fase, escorámos internamente com troncos de madeira toda a estrutura e iniciámos a

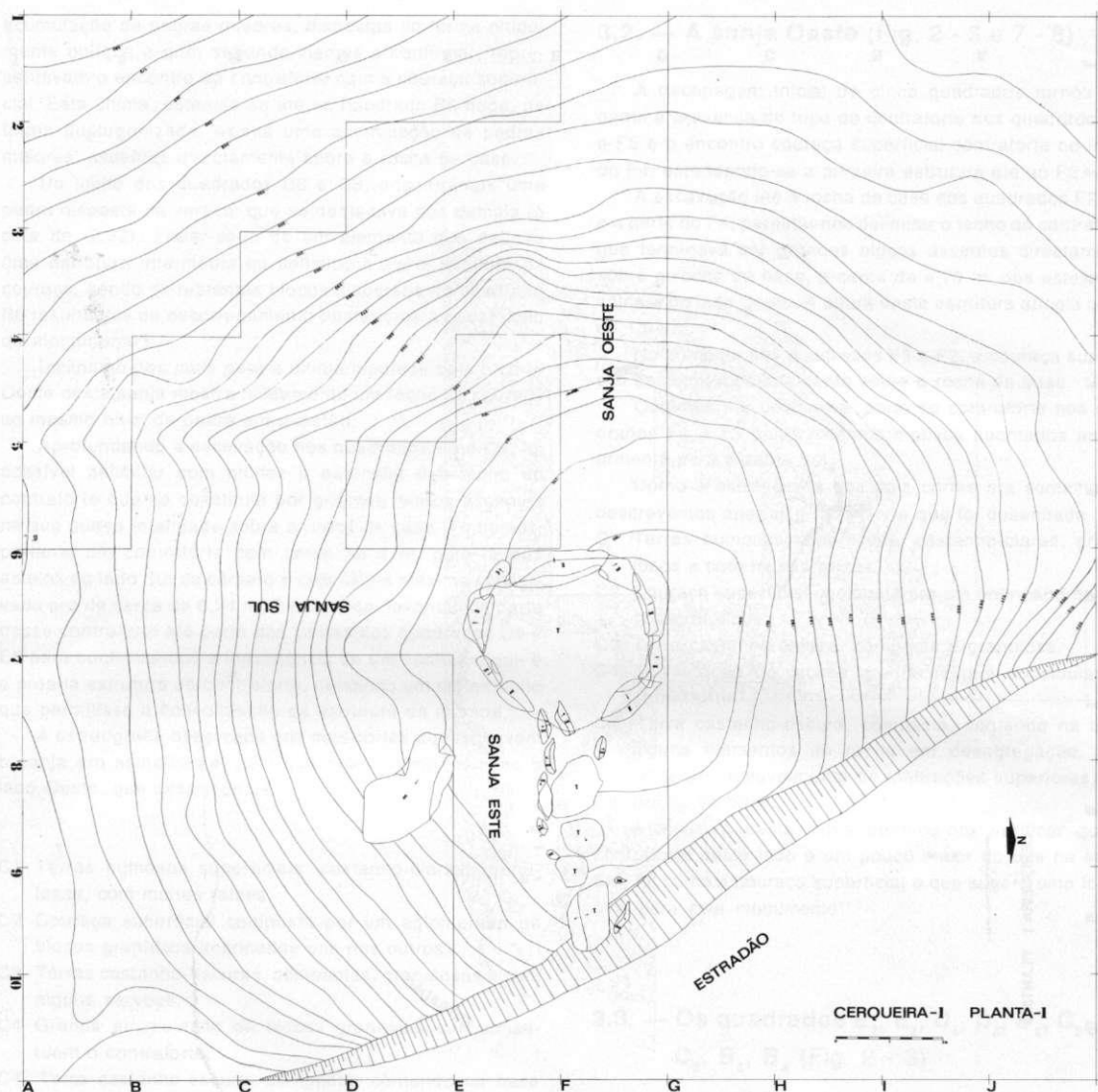


Fig. 2 — Planta topográfica da mamoa antes dos trabalhos de decapagem, com inserção das áreas escavadas.

escavação da metade da câmara e corredor, tendo a preocupação de deixar um testemunho no prolongamento da sanja Este que fosse elucidativo ao enchimento destes.

Realizados os desenhos e fotografias destes cortes e entulhada a parte escavada da câmara, alargámos os trabalhos para a zona Sul, de modo a realizarmos a sua escavação integral.

Após a elaboração da planta e dos alçados da câmara e do corredor, estas estruturas foram consolidadas com pedra, terra e cimento.

Também foram entulhadas as sanjas Oeste e Sul, por julgarmos ser esta a melhor forma de protegermos os cortes da acção dos agentes erosivos. Nas sanjas Este e Este-A,

os vestígios de couraça pétreia, foram igualmente cobertos de terra.

O corte A-B provocado pelo estradão e sujeito a constantes esboroamentos devido à infiltração das águas da chuva, foi alisado, desenhado, fotografado e protegido com um muro de pedra granítica, não aparelhada. Este muro, que seguiu o contorno do monumento e levou cimento apenas pelo lado interior, permitiu consolidar esta estrutura e o próprio corte. Foi coberto com uma camada muito fina de terra misturada com água o que lhe conferiu um aspecto envelhecido e o integrou no meio ambiente.

Os esteios da cobertura do corredor foram colados, grampeados e colocados segundo uma planta elaborada por

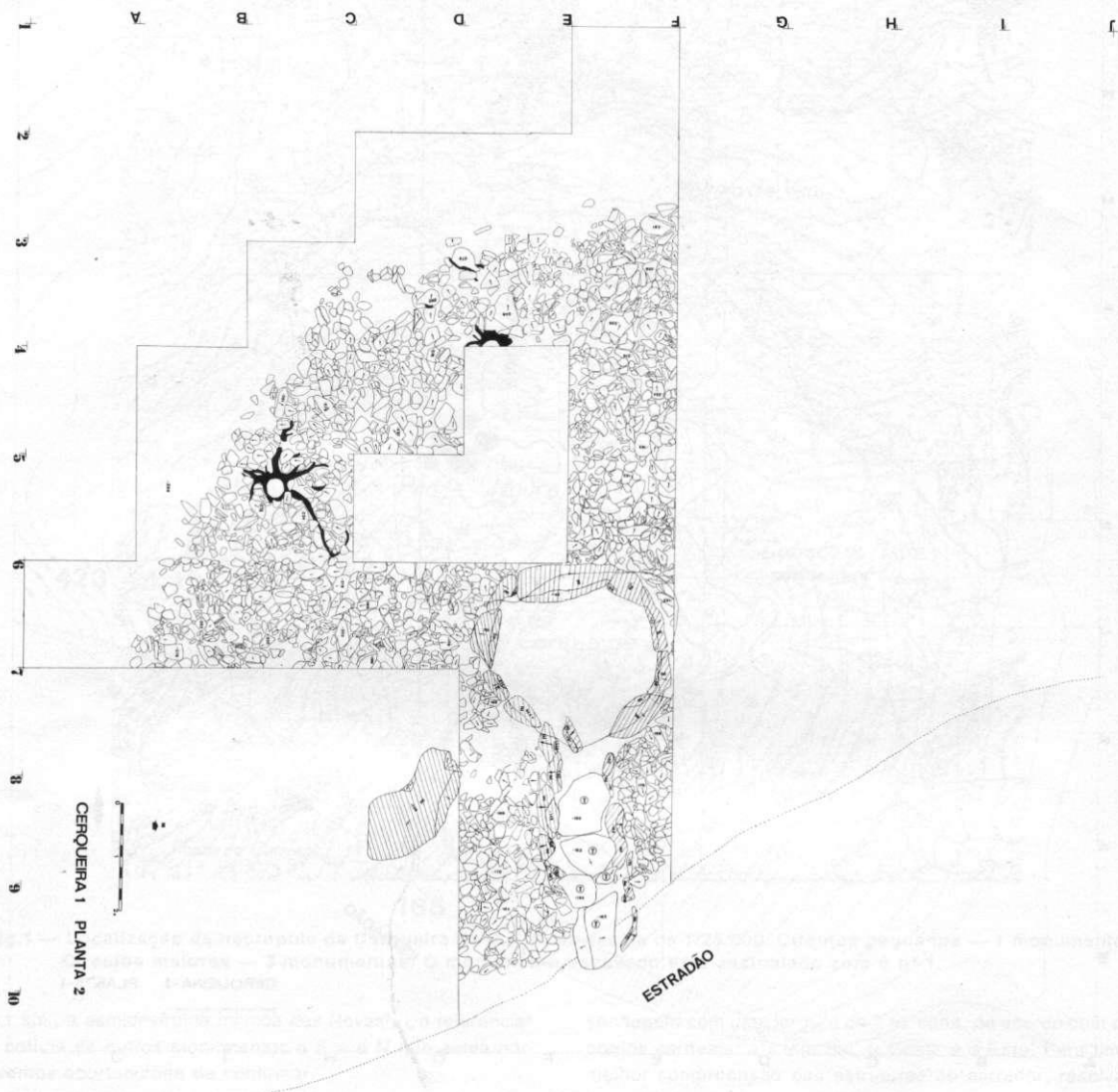


Fig. 3 — Planta geral da mamoa após os trabalhos de decapagem.

L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA em 1956⁹, a única que conhecemos que representa o seu posicionamento.

À volta do monumento, de forma a delimitar a sua dimensão, construímos um muro de pedra, baixo, respeitando assim a vontade dos proprietários dos terrenos.

Ficou apenas por colocar parte de um esteio da câmara, cuja base se encontra *in situ* e para qual aguardamos a colaboração da Câmara Municipal de Sever do Vouga que a isso se prontificou¹⁰.

3 — ESCAVAÇÃO

3.1. — A Sanja Sul (Fig. 2 - 6)

Nesta sanja foram escavados quatro quadrados de 2 m. de lado e parte de um quinto que delimita com os esteios da câmara. Na primeira fase constatou-se a existência de pedras do topo do contraforte que rodeava a câmara até ao meio do quadrado C6 onde verificámos a existência de uma

acumulação de pedras maiores, dispostas de forma nitidamente oblíqua e que, segundo viemos a confirmar, representavam o encontro do contraforte com a couraça superficial. Esta última, estendia-se até ao quadrado B6 onde, de forma desorganizada, existia uma acumulação de pedras maiores, assentes directamente sobre a rocha de base.

No limite dos quadrados B6 e C6, encontramos uma pedra disposta na vertical que se destacava das demais (à cota de -2,32). Tratar-se-ia de um elemento que definira uma estrutura intermédia ou delimitaria ele a periferia da couraça, sendo os restantes blocos dispersos no quadrado B6 resultantes de escorregamento posteriores à construção do monumento?

Inclinamo-nos mais para a última hipótese pois o corte Oeste desta sanja mostra nitidamente um fecho de couraça ao mesmo nível da pedra em questão.

Aprofundando a escavação nos quadrados B6 e C6, foi possível delimitar com nitidez a extensão e o fecho do contraforte que se constituía por grandes blocos assentes na sua quase totalidade sobre a rocha de base. Tínhamos, portanto um contraforte com cerca de 4 m. para lá dos esteios do lado Sul da câmara e cuja altura máxima conservada era de cerca de 0,94 m. De seguida, levantámos parte desse contraforte até perto dos limites dos quadrados D6 e E6 para confirmarmos a inexistência de um «solo antigo» e a própria estrutura do contraforte, deixando um testemunho que permitisse a consolidação da estrutura da mamoa.

A estratigrafia observada nos dois cortes que ladeavam a sanja era semelhante, pelo que descrevemos apenas o lado Oeste, que desenhamos:

- C1 Terras húmusas superficiais, castanho-claras, granuladas, com muitas raízes.
- C2 Couraça superficial composta por um aglomerado de blocos graníticos imbricados uns nos outros.
- C3 Terras castanho-escuras, compactas, granuladas e com alguns carvões.
- C4 Grande acumulação de blocos graníticos que constituem o contraforte.
- C4' Terra castanho-escura, compacta, contendo na base alguns elementos de rocha em desagregação que pensamos ser o resultado de infiltrações de terras superiores. Esta camada não é contínua e a maioria das pedras do contraforte assentam directamente sobre a rocha de base.
- C8 Rocha de base.

Duma forma geral, a mamoa é pequena em relação à dimensão do dólmen e encontra-se muito compacta, bem como destruída na sua parte superior onde os esteios da câmara emergem a cerca de 1,15 m. Um dos agentes responsáveis por esta destruição, foi, sem dúvida, a construção de um muro de propriedade, poderosíssimo, que se encontrava sobre a mamoa e a dividia em três partes.

3.2. — A sanja Oeste (Fig. 2 - 3 e 7 - 8)

A decapagem inicial de cinco quadrados tornou evidente a presença do topo do contraforte nos quadrados F4 e F5 e o encontro couraça superficial-contraforte no início do F4, estendendo-se a primeira estrutura até ao F2.

A escavação até à rocha de base dos quadrados F2, F3 e a parte do F4, permitiu-nos delimitar o fecho do contraforte que terminava por grandes blocos assentes directamente sobre a rocha de base, a cerca de 4,70 m. dos esteios da câmara do lado Oeste. A altura desta estrutura atingia cerca de 1,04 m.

No contacto dos quadrados F3 e F2, a couraça superficial assentava directamente sobre a rocha de base.

Optámos por desmontar parte do contraforte nos quadrados F4 e F3 pelos mesmos motivos apontados anteriormente para a sanja Sul.

Como a estratigrafia dos dois cortes era semelhante, descrevemos apenas o lado Norte que foi desenhado.

- C1 Terras húmusas superficiais, castanho-claras, granuladas e com muitas raízes.
- C2 Couraça superficial composta por um imbricado de blocos graníticos.
- C3 Terra castanho-escura, compacta e granulada.
- C4 Acumulação de blocos graníticos que constituíam o contraforte.
- C4' Terra castanho-escura, compacta, contendo na base alguns elementos de rocha em desagregação, proveniente provavelmente de infiltrações superiores.
- C8 Rocha de base.

A abertura desta sanja permitiu-nos verificar que o contraforte deste lado é um pouco maior do que na sanja Sul, tal como a couraça superficial o que sugere uma forma oval para este monumento¹¹.

3.3. — Os quadrados E₃, E₂, D₄, D₃, D₂, C₅, C₄, C₃, B₅, B₄ (Fig. 2 - 3)

Permitiram confirmar a forma oval da mamoa e mostrar que a periferia da couraça se apresentava de forma desorganizada, facto a que não foram alheias as alterações provocadas pelas raízes de pinheiros e pelas valas abertas para o plantio de outras árvores bem como agentes de ordem física.

3.4. — A sanja Este e Este-A (Fig. 2-3)

O limite Sul da sanja Este passava, *grosso modo*, pelo centro da câmara e do que restava do corredor, pelo que obtivemos um corte estratigráfico do enchimento destas

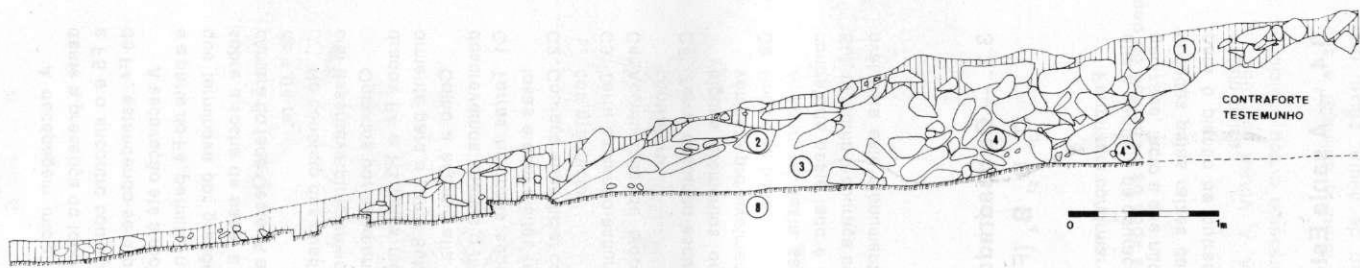
A₆
← S

B₆

C₆

D₆

E₆
N →



CERQUEIRA-I SANJA SUL PERFIL S-N

Fig. 4 — Sanja Sul, perfil Sul-Norte. É nítida a couraça superficial, as terras do «tumulus» e o contraforte.

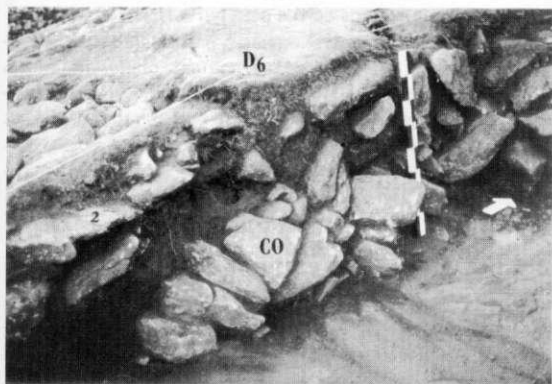


Fig. 5 — Pormenor do fecho do contraforte (CO), das terras do «túmulus» (3) e da Couraça superficial (2) da Sanja Sul.

estruturas, no sentido E-W.

Nos quadrados F7, F8 e parte do F9, correspondentes à sanja Este e nos E7, E8 e E9 correspondentes à sanja Este-A, a decapagem visou confirmar o aparecimento do topo do contraforte e verificar o posicionamento dos esteios do corredor pelo lado exterior.

Pelo facto do monumento se encontrar parcialmente destruído pelo lado NE, não seria possível determinar o comprimento total do corredor e a sua articulação com o contraforte ou outras estruturas que pudessem ter ocorrido, pelo que não desmontámos as zonas decapadas destas sanjas que se encontravam do lado exterior dos esteios do corredor.

3.5. — O corte A-B (Fig. 9)

Este corte, orientado no sentido NE-SW, permitiu-nos obter uma leitura das estruturas do monumentos e das suas eventuais alterações.

Distinguimos:

- C1 Terras húmusas superficiais, castanho-claras, granuladas e com muitas raízes.
- C1' Semelhantes às anteriores, mas mais compactas.
- C1a Terras castanho, mais escuras do que as anteriores, bastante granuladas, com muitas raízes, embora compactas.
- C2 Couraça superficial composta por um imbricado de blocos graníticos.
- C3 Terras castanho-escuras, compactas e granuladas.
- C4 Acumulação de blocos graníticos que constituem o contraforte.
- C5 Terras castanho-escuras, granuladas muito compactas e bastante homogéneas pertencendo a um «solo an-

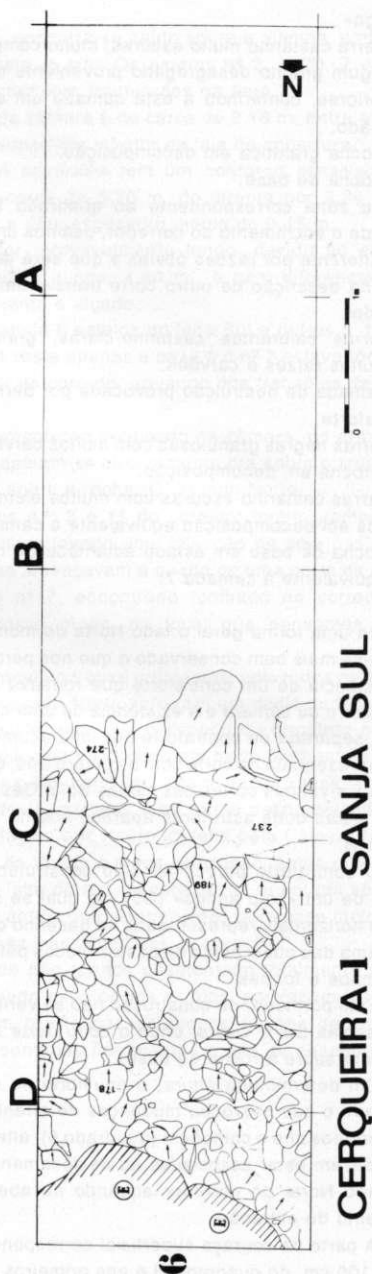


Fig. 6 — Sanja Sul: contraforte.

tigo».

C6 Terra castanho muito escuras, muito compactas e com algum granito desagregado proveniente dos níveis inferiores, conferindo a esta camada um aspecto mesclado.

C7 Rocha granítica em decomposição.

C8 Rocha de base.

Na zona correspondente ao quadrado F9 que compreende o enchimento do corredor, usámos uma nomenclatura diferente por razões óbvias e que será também a utilizada na descrição de outro corte transversal realizado no corredor.

- a) Terras saibrentas castanho-claras, granulosas, com muitas raízes e carvões.
- b) Camada de destruição provocada por derrubes do contraforte.
- c) Terras negras granulosas com muitos carvões, radículas e rocha em decomposição.
- d) Terras castanho-escuras com muitos elementos graníticos em decomposição equivalente à camada 6.
- e) Rocha de base em estado adiantado de decomposição equivalente à camada 7.

De uma forma geral o lado Norte do monumento apresenta-se mais bem conservado o que nos permite confirmar a existência de um contraforte que rodeava os esteios do corredor e da câmara e a existência de uma couraça superficial, separada do contraforte por uma acumulação de terras representada no corte com o número três, o que de resto, já era visível nos cortes das sanjas Sul e Oeste. O contacto entre estas duas estruturas aparece-nos no início do quadrado H.

O contraforte parece ter sido construído sobre o que resta de um «solo antigo» (C5), no qual se sobrepuseram lages horizontais representadas no desenho com a letra L e por cima das quais estão dispostos blocos pétreos de vários tamanhos e formas.

Este pormenor de construção não se verifica nos cortes das sanjas Sul e Oeste, onde o contraforte assenta directamente sobre a rocha de base.

Em determinada altura, o equilíbrio do contraforte foi alterado o que provocou mudanças de orientação nos blocos pétreos que o compõem (quadrado 6), alterações essas, que devem estar associadas ao deslocamento dos esteios do lado Norte do corredor aquando da abertura ou alargamento do estradão.

A parte da couraça superficial correspondente aos últimos 100 cm. do quadrado H e aos primeiros do quadrado I deve ter desabado, motivo pelo qual foi construído um muro no topo do corte e que assinalámos com a letra M.

Do lado Sul do corte, a estrutura do monumento é de mais difícil interpretação, quer pelos derrubes evidentes que sofreu o contraforte para a zona do corredor, quer pelo facto do afloramento rochoso se encontrar a uma cota mais elevada do que no lado Norte e aflorar de forma irregular, assentando o contraforte directamente sobre ele.

A couraça superficial que está representada em todas as

sanjas onde obtivemos cortes e na parte Norte deste, torna-se aqui pouco perceptível devido à grande altura do afloramento rochoso e às alterações sofridas posteriormente à sua construção. Pensamos, no entanto, poder distinguir testemunhos da sua existência nas zonas que correspondem aos quadrados C e D.

3.6. — O dólmen: câmara e corredor

(Fig. 2 - 3 e 10 - 14)

Escavámos integralmente o recinto da câmara cujo enchimento se encontrava totalmente revolvido, com excepção, parece-nos, de um nível irregular de terra castanho-escura, fina, que se encontrava, principalmente na periferia da câmara, com maior espessura do que no centro e que não tem correspondente no corredor. Esta ilacção foi-nos sugerida pela profundidade a que esta terra aparece (à cota de cerca de -2,57 m.), pelo facto de ser mais abundante perto dos esteios, por constituir o enchimento das valas de inserção dos mesmos e por não terem aparecido aí objectos de épocas recentes¹².

O revolvimento, «natural» após a escavação de que este monumento foi alvo anteriormente¹³, está comprovado pela disposição caótica dos blocos tombados na câmara e no corredor bem como pela presença de objectos, cerâmicos e outros, de várias épocas. O corte Sul da Sanja Este que passa, *grosso modo*, pelo centro da câmara e corredor, assim como o corte transversal praticado no quadrado F9 pelo lado interior do corredor, são disso demonstrativos.

Corte Sul da sanja Este:

- a) Terras saibrentas, castanho-claras, granulosas e com muitas raízes.
- b) Camada de destruição.
- c) Terras negras granulosas com carvões, radículas e alguns blocos graníticos.
- c') Bolsa de carvão.
- d) Terras castanho-escuras, finas e homogéneas.
- e) Terras castanho-escuras com rocha de base em decomposição.
- f) Rocha de base em estado adiantado de decomposição.

Corte transversal do corredor:

Este corte, realizado no quadrado F9, é semelhante ao corte A-B na zona do corredor pelo que não era absolutamente indispensável a sua descrição; mesmo assim, optámos por fazê-la em virtude de o termos desenhado e fotografado.

- a) Terras saibrentas, semelhantes ao corte A-B.
- b) Terras semelhantes ao corte A-B.
- c) Terras semelhantes ao corte A-B.
- c') Bolsa de terra mais escura e com muitos carvões.
- e) Terras semelhantes ao corte A-B.

f) Terras semelhantes ao corte A-B.

Iniciámos a escavação da câmara pelos quadrados F6 e F7 e só depois da sua consolidação é que escavámos o E6 e o E7. Os trabalhos deste recinto permitiram-nos concluir que as bases dos esteios foram colocadas em valas abertas na rocha para esse fim e «travadas» com pedras pequenas, frequentemente em forme de cunha.

No quadrado F6, a 0,70 m. Sul e 0,90 m. Oeste, appareceu escavado na rocha de base um buraco semelhante aos buracos de poste e cuja função e contemporaneidade com a data de construção do monumentos não pudemos apurar.

— Trata-se de um buraco aberto na altura em que o monumento foi escavado por A. CASTRO, O. V. FERREIRA e A. VIANA?

— Será contemporâneo da construção do monumento e corresponderá a qualquer estrutura que tivesse existido no interior da câmara?

— Será anterior ao monumento, correspondendo efectivamente a um buraco de poste de qualquer estrutura de «habitat»?

A resposta a esta última questão passaria pela desmontagem do contraforte à volta da câmara e corredor na tentativa de confirmar a existência de outros buracos de poste o que poria em risco a consolidação do próprio monumento.

Este buraco, que mede de comprimento máximo 0,26 m. por 0,16 m. de largura, tem uma profundidade máxima de 0,08 m. e mínima de 0,04 m. O seu enchimento compunha-se de terras castanhas com alguns carvões que foram recolhidos para análises de antracologia.

Foi levantada uma planta do dólmen em que os esteios se apresentam em projecção horizontal e dois alçados interiores, da parte Norte e Sul desta estrutura. A planta foi levantada a partir de uma cota convencional (-2,43 m.), pelo facto de não termos encontrado o piso primitivo de utilização.

A câmara é poligonal, com cerca de 3,54 m. de largura por 3,00 m. de comprimento e composta por nove esteios de dimensões e formas variadas, sendo os esteios nº 4 e 6, que ladeiam o de cabeceira, mais pequenos do que os restantes.

O esteio nº 1, encontra-se caído sobre a mamoa, embora a sua base esteja *in situ*. Os esteios nº 2, 4 (?), 7 e 8 (?) acham-se certamente fracturados no topo.

A altura da câmara é de cerca de 2,18 m. entre a rocha de base e a superfície inferior da laje de cobertura.

A laje de cobertura tem um contorno sensivelmente circular com cerca de 3,76 m. de largura por 3,26 m. de comprimento e uma espessura média de 0,45 m.

O corredor, provavelmente longo, devido ao comprimento que ainda atinge, 4,40 m., é bem diferenciado da câmara em planta e alçado.

Existem ainda 6 esteios do lado Sul e outros 5 do lado Norte; do nº 1 resta apenas a base e o nº 7 estava tombado para o interior do corredor aquando dos trabalhos de escavação.

Contrariamente ao verificado na câmara, os ortostatos do corredor, apoiam-se directamente ora sobre o solo (C.6) lado Sul, ora sobre a rocha (C. 7) lado Norte.

Os esteios n.º 3 e 11 do corredor foram grampeados, tendo este último levado uma injecção de cola nas zonas cujas fracturas ameaçavam a queda de uma parte da pedra.

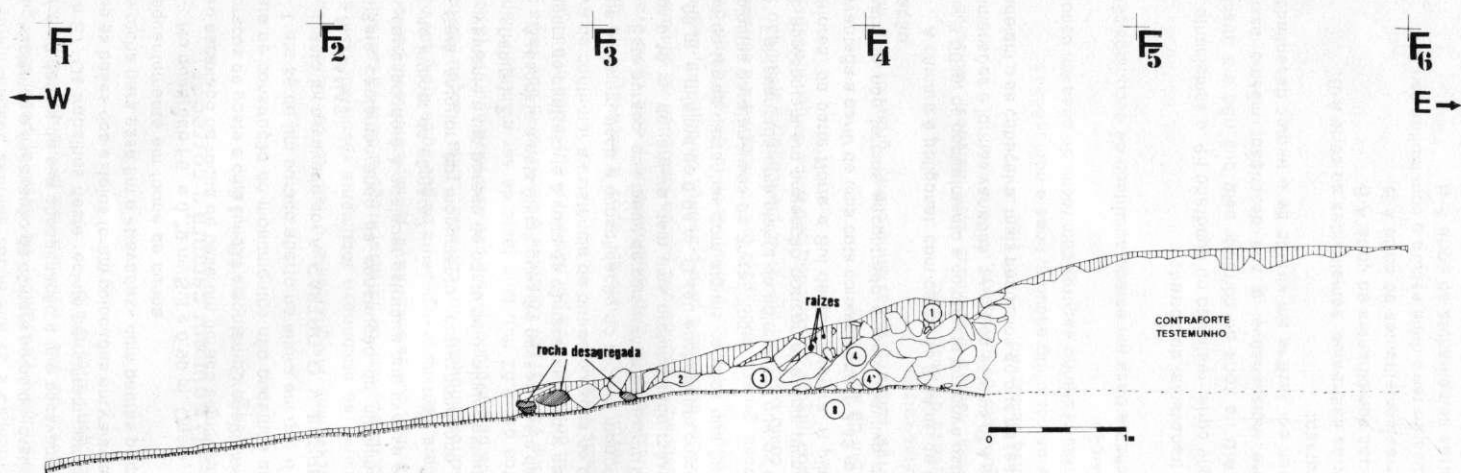
O esteio nº 7, encontrado tombado no corredor foi colocado, *grasso modo*, no local que pensamos a ele pertencer.

A sua colocação trouxe problemas, pois todos os esteios do corredor do lado Norte sofreram um deslocamento para Sul e para Oeste, pelo que o espaço do ortostato nº 7 se encontrava reduzido e ocupado em parte pelo esteio nº 8.

As tampas do corredor foram encontradas sobre o enchimento deste, partidas e de forma desorganizada.

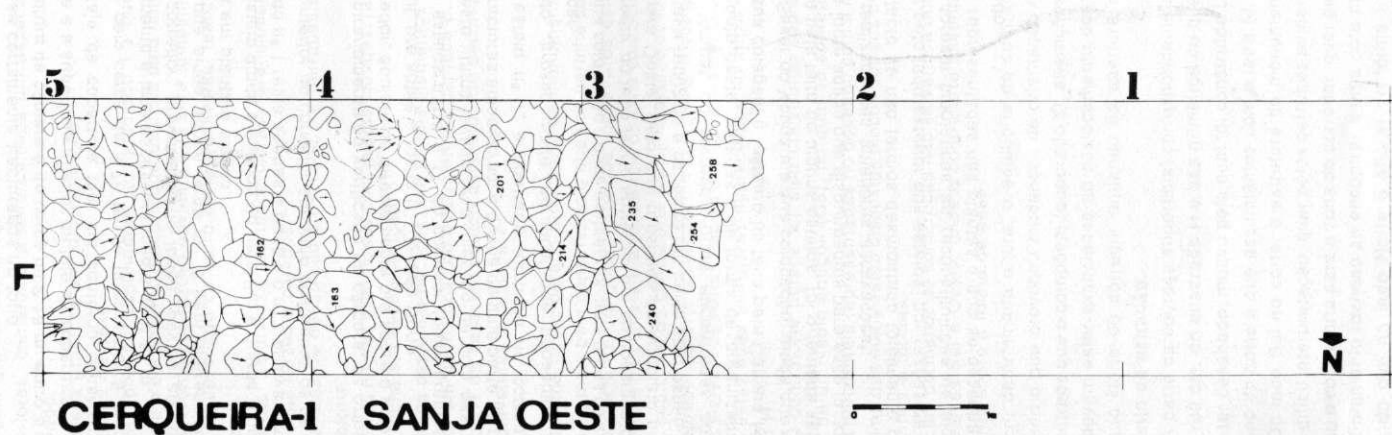
A sua colagem e restauro foi feita pela Câmara Municipal de Sever do Vouga e a sua colocação, ainda que condicionada pela falta de alguns esteios, foi orientada segundo a única fonte antiga que dispunhamos para esse facto: uma planta realizada nas anteriores escavações⁹.

O facto de não termos desmontado totalmente o contraforte pelo lado exterior dos esteios, por razões de segurança, tornam hipotéticas as reconstituições de algumas formas representadas nas plantas e que se desenharam a traçado.



CERQUEIRA-I SANJA OESTE PERFIL W-E

Fig. 7 — Sanja Oeste, perfil Oeste-Este.



CERQUEIRA-I SANJA OESTE

Fig. 8 — Sanja Oeste: contraforte.

4 — ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

4.1. — Material lítico lascado

a) *Micrólitos* (Fig. 15)

Classificados segundo o sistema do G.E.E.M.¹⁴

Nº Ordem	Localização ¹⁵	Tipologia	Matéria-Prima	Outras características
1	E6. z -2,80 a -2,90 m. Peneiração. Base da camada c. Câmara.	Trapézio simétrico longo com troncatura muito oblíqua.	Sílex bege opaco.	Comp. máx. 3,50 cm. Comp. mín. 0,90 cm. Larg. 1,45 cm. Esp. 0,30 cm. Secção trapezoidal
2	F6. z -2,80 a -2,90 m. Peneiração. Base da camada c. Câmara.	Trapézio simétrico longo com troncatura muito oblíqua.	Sílex castanho-escuro opaco.	Comp. máx. 2,80 cm. Comp. mín. 0,75 cm. Larg. 1,15 cm. Esp. 0,40 cm. Secção trapez./triang.
3	E8. z -2,20 a -2,40 m. Peneiração. Camada a/c. Corredor.	Trapézio simétrico longo com troncatura muito oblíqua.	Sílex castanho-escuro opaco.	Comp. máx. 2,45 cm. Comp. mín. 0,60 cm. Larg. 1,25 cm. Esp. 0,35 cm. Secção trapezoidal
4	F6. z -2,82 m.; y -0,40 m.; x -0,55 m. Base da camada c Topo da d. Câmara.	Trapézio simétrico longo com troncatura muito oblíqua.	Sílex bege opaco.	Comp. máx. 2,30 cm. Comp. mín. 0,35 cm. Larg. 1,30 cm. Esp. 0,30 cm. Secção trapezoidal
5	F6. z -2,80 a -2,90 m. Peneiração. Base da Camada c. Câmara.	Trapézio assimétrico longo com troncatura maior rectilínea.	Sílex bege opaco.	Comp. máx. 2,20 cm. Comp. mín. 0,70 cm. Larg. 1,20 cm. Esp. 0,30 cm. Secção trapezoidal
6	F8. z -2,60 a -2,80 m. Peneiração. Camada c. Corredor.	Crescente.	Sílex bege opaco.	Comp. máx. 1,80 cm. Larg. 1,60 cm. Esp. 0,20 cm.

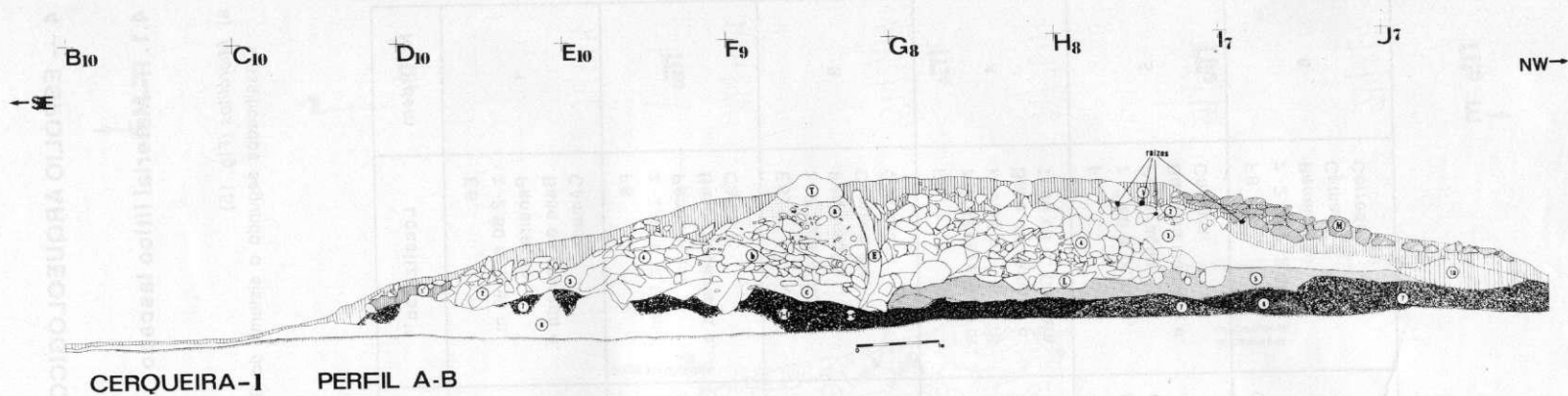


Fig. 9 — Corte A-B.

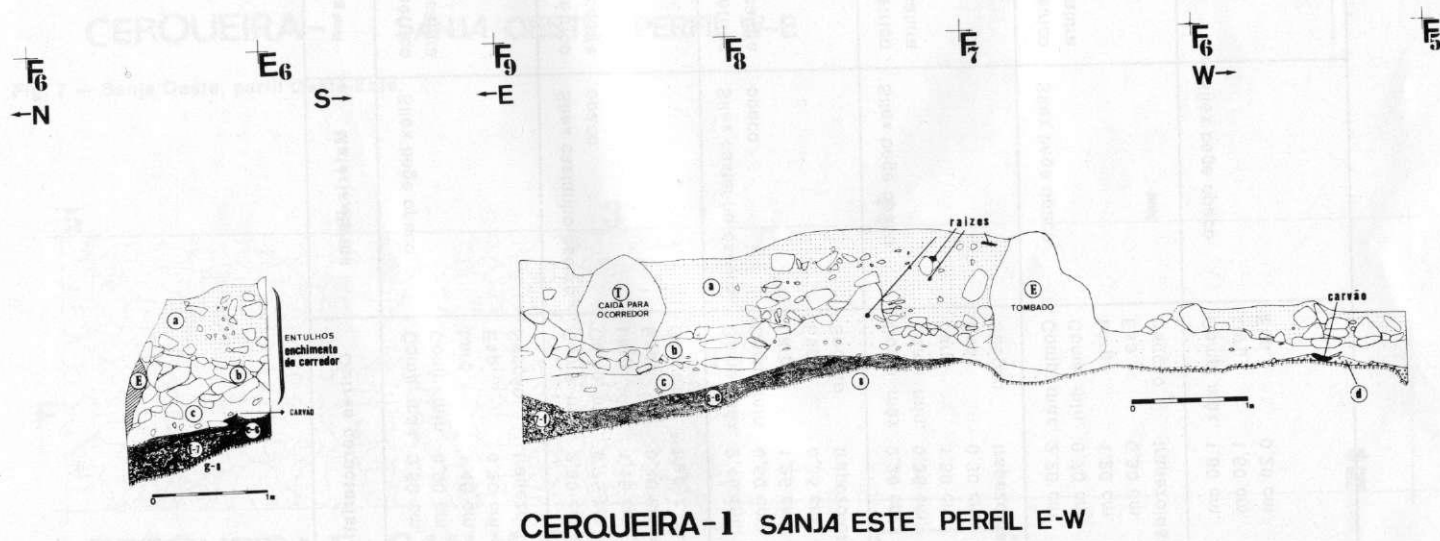


Fig. 10 — Sanja Este, perfil E-W.

b) *Pontas de Seta* (Fig. 16)

Classificadas segundo o critério de S. O. Jorge* com algumas modificações.

Nº Ordem	Localização	Tipologia	Matéria-Prima	Outras características
1	F6. z -2,60 a -2,80 m. Peneiração. Camada c. Câmara.	Ponta de seta de base triangular e bordos rectilíneos. Retoque total numa das faces e invasor na outra. Mediana.	Sílex cinzento-claro com veios mais escuros. Opaco.	Comp. 3,75 cm. Larg. 1,90 cm. Esp. 0,35 cm. Peça Sup. lâmina Secção triangular Perfil rectilíneo
2	F8. z -2,58 a -2,88 m. Peneiração. Camada c. Corredor.	Ponta de seta de base triangular e bordos rectilíneos. Retoque total numa das faces e marginal na outra. Mediana.	Sílex bege opaco.	Comp. 3,50 cm. Larg. 1,45 cm. Esp. 0,40 cm. Peça Sup. lâmina Secção triangular Perfil rectilíneo
3	E6. z -2,58 Peneiração. Camada a. Câmara.	Ponta de seta de base triangular e bordos ligeiramente convexos. Retoque invasor em ambas as faces. Mediana.	Sílex amarelado, com manchas acinzentadas. Opaco.	Comp. 3,70 cm. Larg. 1,55 cm. Esp. 0,35 cm. Peça Sup. lâmina Secção trapezoidal Perfil curvilíneo
4	F7. z -3,08 m.; y -1,70 m.; x -0,70 m. Camada d. Câmara.	Ponta de seta de base triangular, fracturada na parte proximal. Bordos ligeiramente convexos e retoque total bifacial. Pequena.	Sílex castanho-claro com manchas brancas e vestígios de cortex na parte proximal. Semi-translúcido.	Comp. 2,00 cm. Larg. 1,70 cm. Esp. 0,40 cm. Peça Sup. lâmina (?) Secção losângica Perfil sub-rectilíneo
5	F6. z -3,08. Peneiração. Base da Camada c/. Topo da d. Câmara.	Ponta de seta pedunculada com bordos rectilíneos mas serrilhada. Retoque total bifacial. Pequena.	Sílex castanho-claro. Translúcido.	Comp. 2,90 cm. Larg. 1,00 cm. Esp. 0,40 cm. Peça Sup. lamela/lâmina Secção losângica Perfil rectilínea

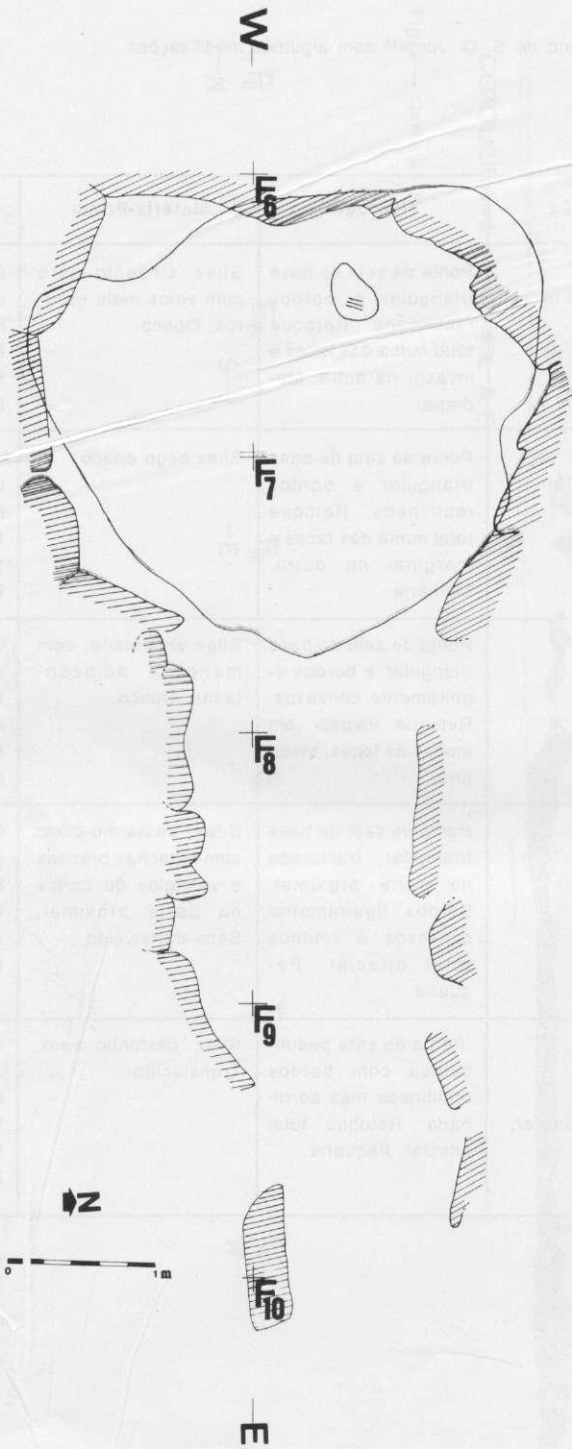


Fig. 11 – Planta da base dos esteios da câmara e corredor, com inserção do buraco encontrado na câmara.

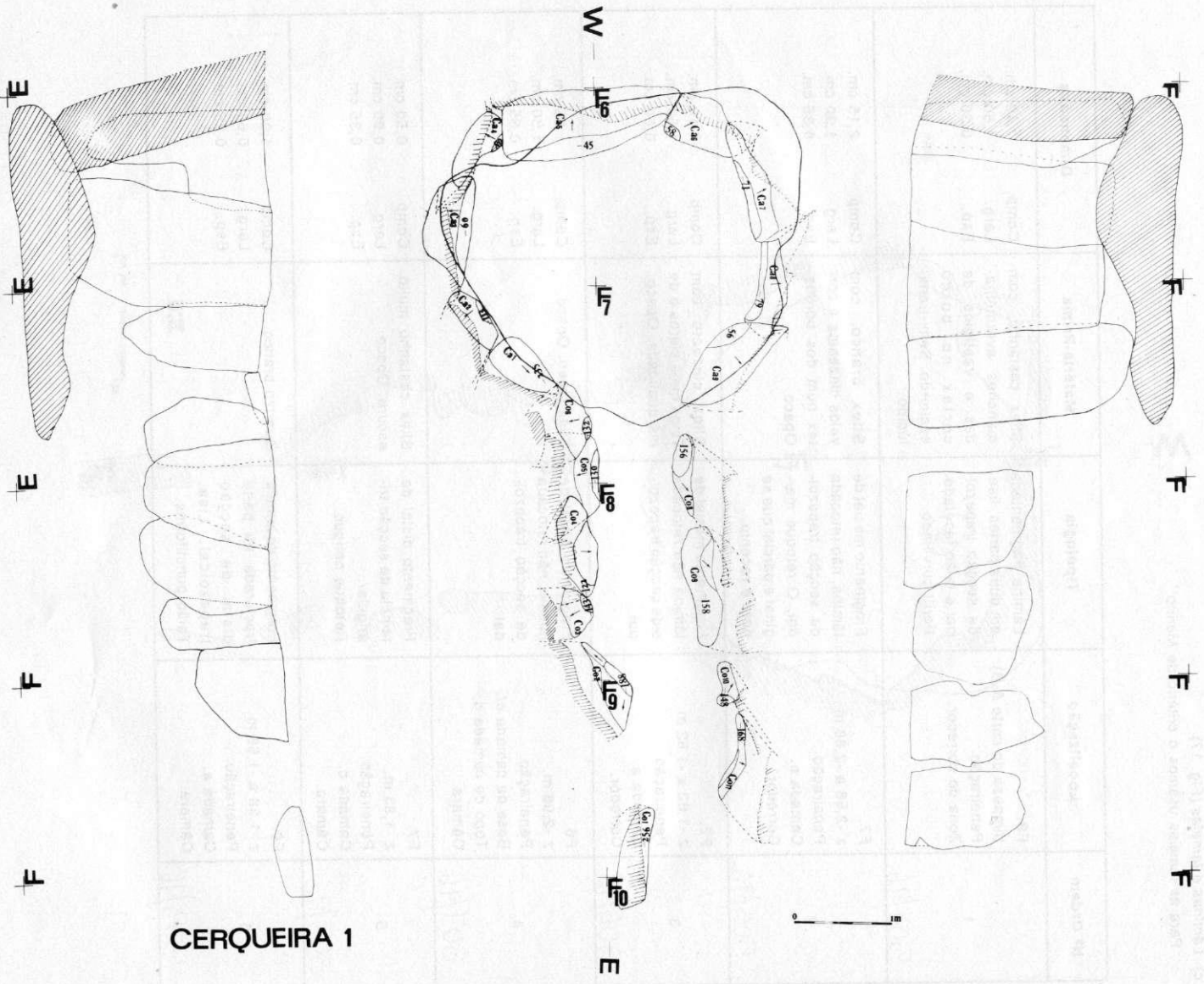


Fig. 12 — Planta e alçados da câmara e corredor.

d) Outras peças (Fig. 18).

Nº Ordem	Localização	Tipologia	Matéria-Prima	Dimensões
1 510/96	F8. z -2,24 m. a -2,44 m. Peneiração. Topo da camada c. Corredor.	Raspador simples convexo sobre lasca.	Quartzo branco.	Comp. 4,80 cm. Larg. 3,10 cm. Esp. 1,90 cm. Secção losângica
2 511/96	F6. Limpeza do Corte Sul da sanja Este. Zona da Câmara. Peneiração.	Lasca de talão liso. Pequena.	Quartzo branco opaco.	Comp. 1,85 cm. Larg. 1,40 cm. Esp. 0,60 cm. Secção triangular
3 512/96	F6. z -3,08 m. Peneiração. Base da camada c/. Topo da camada d. Câmara.	Fragmento proximal de lasca, lisa, de talão punctiforme.	Quartzo branco.	Comp. 1,95 cm. Larg. 1,90 cm. Esp. 0,30 cm. Secção sub.-rectang.
4 513/96	Sanja Sul, quadrado C6. Camada 1.	Lasca fragmentada na parte distal, não retocada e com talão liso.	Quartzo hialino.	Comp. 0,75 cm. Larg. 1,20 cm. Esp. 0,30 cm. Secção sub-trapez.
5 514/96	F8. z -2,62 m. a -2,82 m. Peneiração. Camada c. Corredor.	Lasca residual de pequena dimensão.	Sílex bege, opaco.	
6 515/96	F9. z -2,58 m. a -1,78 m. Peneiração. Camada a. Corredor.	Núcleo.	Sílex castanho com manchas avermelha- das. Semi-translú- cido.	

Fig. 13 — Aspecto geral dos esteios da câmara megalítica, vistos do exterior pelo lado Norte.

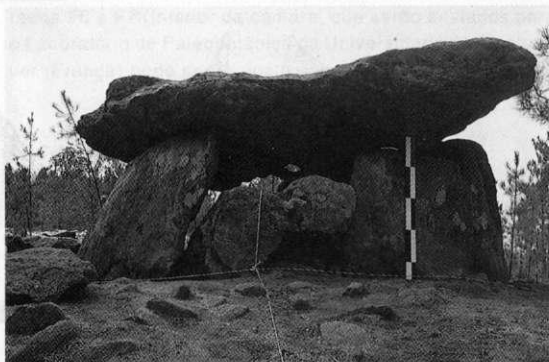




Fig. 14 — Vista da câmara e corredor após a finalização dos trabalhos.

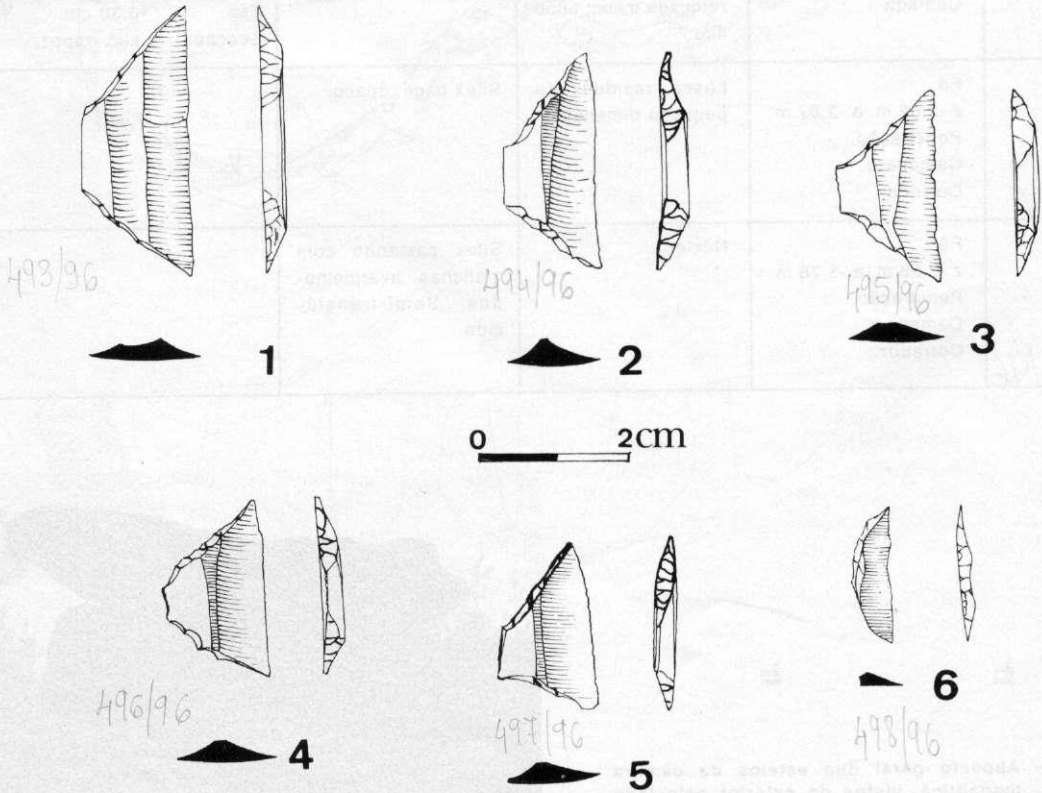


Fig. 15 — Micrólitos geométricos provenientes da câmara e corredor; 1 a 5 — trapézios; 6 — segmento.

4.2. — Material lítico não lascado.

a) Vários (Fig. 19, para o nº 2).

Nº Ordem	Localização	Tipologia	Matéria-Prima	Dimensões
1	F8. z -2,02 m. a -2,22 m. Peneiração. Camada a. Corredor.	Seixo rolado de forma elíptica e polido num dos lados.	Granito de grão fino com biotite.	Comp. 5,90 cm. Larg. 4,50 cm. Esp. 1,95 cm.
2	F8. z -2,06 m. a -2,26 m. Peneiração. Camada a. Corredor.	Objecto (?) indefinido de forma arredondada numa das extremidades e plana na outra.	Rocha metamórfica com clivagem visível e finos filonetes (quartzosos)*.	Comp. 3,70 cm. Larg. 3,12 cm. Esp. máx. 1,94 cm. Esp. méd. 0,76 cm.
3	E7. Fundo da câmara, junto do esteio nº 1.	Moinho manual fragmentado numa das extremidades, cuja forma seria sub-retangular.	Granito de grão médio.	Comp. 52,5 cm. Larg. 32,8 cm. Esp. 20,5 cm. Secção sub-trápez.

4.3. — Material cerâmico

Apesar das várias dezenas de fragmentos cerâmicos recolhidas na câmara, corredor e nas terras superficiais dos quadrados E9, E2, D4, D3, D2, C5, C4, C3, B5 e B4, bem como nas diversas sanjas, verificamos serem todos, com uma excepção, realizados a torno e pertencentes a épocas posteriores à construção do monumento*.

O único exemplar de fabrico manual proveio do corredor, quadrado F8, z -2,64 a -2,84 m. Camada c. Peneiração. É um fragmento de cor laranja, alisado no exterior e interior e pasta muito friável pelo facto de não ser cozida**.

4.4. — Outras recolhas

a) Sedimentos para análise pedológica

Recolhemos várias «colunas» de amostras provenientes dos diferentes cortes:

- Na sanja Sul, corte Oeste, as amostras foram tiradas da camada 1 (am. 1), da camada 3 (am. 2) e da camada 4 (am. 3). Salienta-se que as camadas 2 e 4 correspondem a estruturas pétreas.
- No corte A-B, as amostras provêm da camada 1 (am. 1),

da camada 3 (am. 2), da camada 5 (am. 3) e da camada 6 (am. 4); estas duas últimas fazem parte do «solo antigo».

- No quadrado E6 (Interior da câmara), retiramos uma amostra das terras castanhas que enchem as fossas abertas no saibro e que correspondem à camada d. do corte Sul da Sanja Este (am. 1).

Estão a ser feitos contactos com o Prof. Doutor Rui Pinto Ricardo do Centro de Pedologia da Universidade de Lisboa para que se possam proceder às respectivas análises.

b) Carvões para análise antracológica

Foram preparadas várias amostras extraídas dos quadrados F6 e F7 (Interior da câmara, que serão enviados para o Laboratório de Paleobotânica da Universidade de Montpellier (França) onde serão analisados.

c) Carvões para datação radiocarbónica

Possuímos algumas amostras que pretendemos remeter ao (L.N.E.T.I.) e ao Laboratório de Radiocarbono de Oxford:

- Para o L.N.E.T.I. remeteremos amostras extraídas do corte Oeste da sanja Sul, camada 3, C6, à profundidade de 0,54 m. em relação à superfície do solo actual e do «buraco de poste» encontrado na câmara quadrado F6.

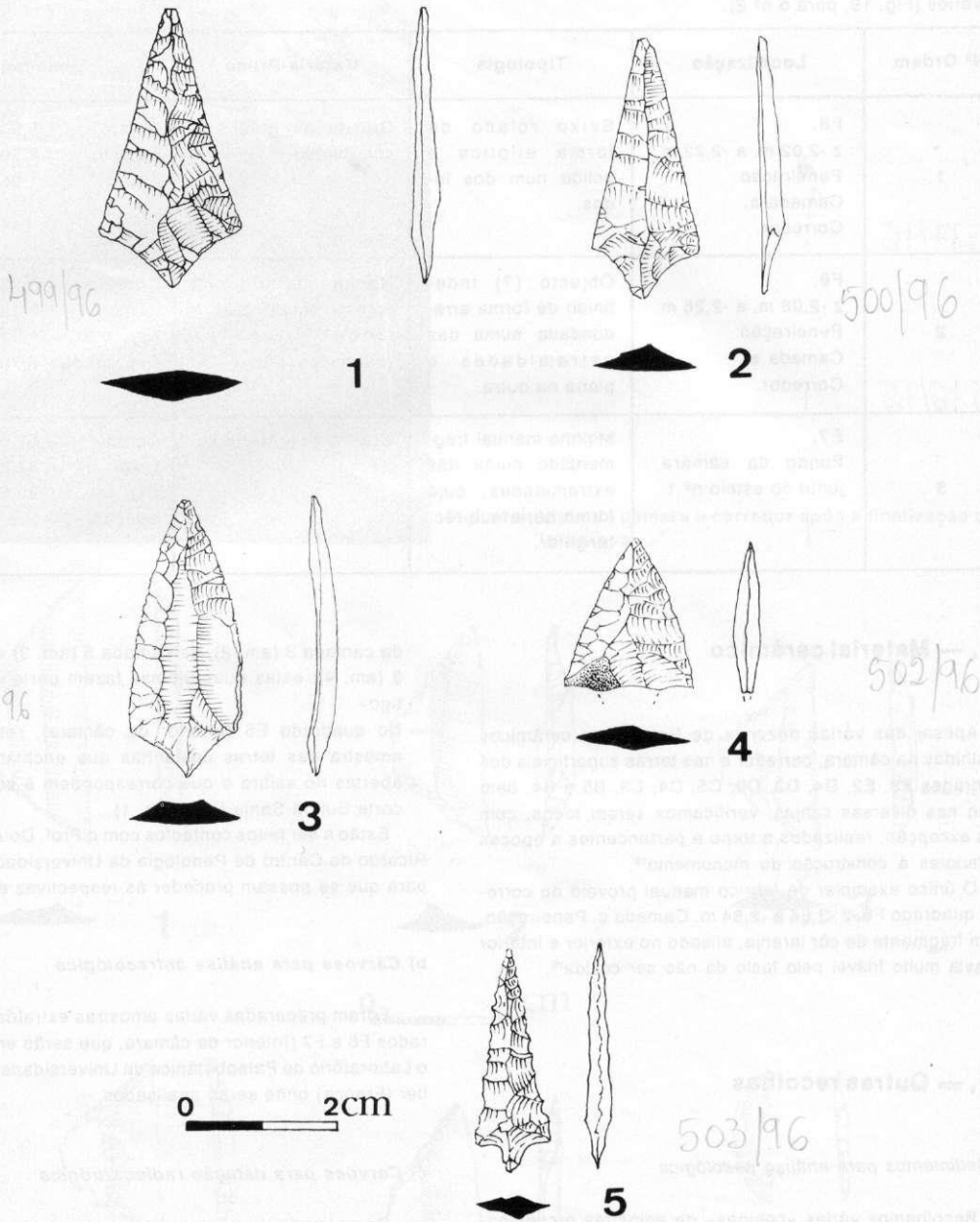


Fig. 16 — Pontas de seta provenientes da câmara e corredor; 1 a 4 — pontas de seta de base triangular; 5 — ponta de seta pedunculada com bordos serrilhados.

— Para Oxford, enviaremos amostras muito reduzidas, obtidas no corte A-B, topo da camada 5, imediatamente por debaixo das pedras do contraforte, correspondente ao quadrado H8 e à profundidade de 1,42 m. em relação ao

topo do solo actual.

Aguardamos no entanto a obtenção de um subsídio que nos permita concretizar estes propósitos e sem o qual, lamentavelmente, eles não se poderão realizar.

Distribuição do espólio da mamoa 1 da Cerqueira

Dóimen		«Tumulus»		
Câmara	Corredor	Sanja Sul	Sanja Oeste	Quadrados E ₃ , E ₂ , D ₄ , D ₃ , D ₂ , C ₅ , C ₄ , C ₃ , B ₅ e B ₄
Micrólitos: (trapézios) -4	Micrólitos: (trapézios) -1 (crescentes) -1			
Pontas de Seta: -4	Pontas de Seta: -1			
Lâminas: -1	Lâminas: -3			
Lamelas: -2				
Lascas não retocadas: -2	Lascas retocadas: -1	Lascas não retocadas: -1		
Moinho manual: -1	Lasca residual: -1 Núcleo: -1 Objecto inde- terminado: -1 Seixo polido: -1 Frag. cerâmica manual: -1			
TOTAL -14	TOTAL -12	TOTAL -1		

Distribuição do espólio no interior da câmara

Sector Norte		Sector Sul	
Quadrado F6	Trapézios -3 Pontas de seta -2 Lamelas -1 Lâminas -1 Lascas lisas -2	Quadrado E6	Trapézios -1 Pontas de seta -1
Quadrado F7	Pontas de seta -1 Lamelas -1	Quadrado E7	Moinho manual -1
TOTAL	11	TOTAL	3

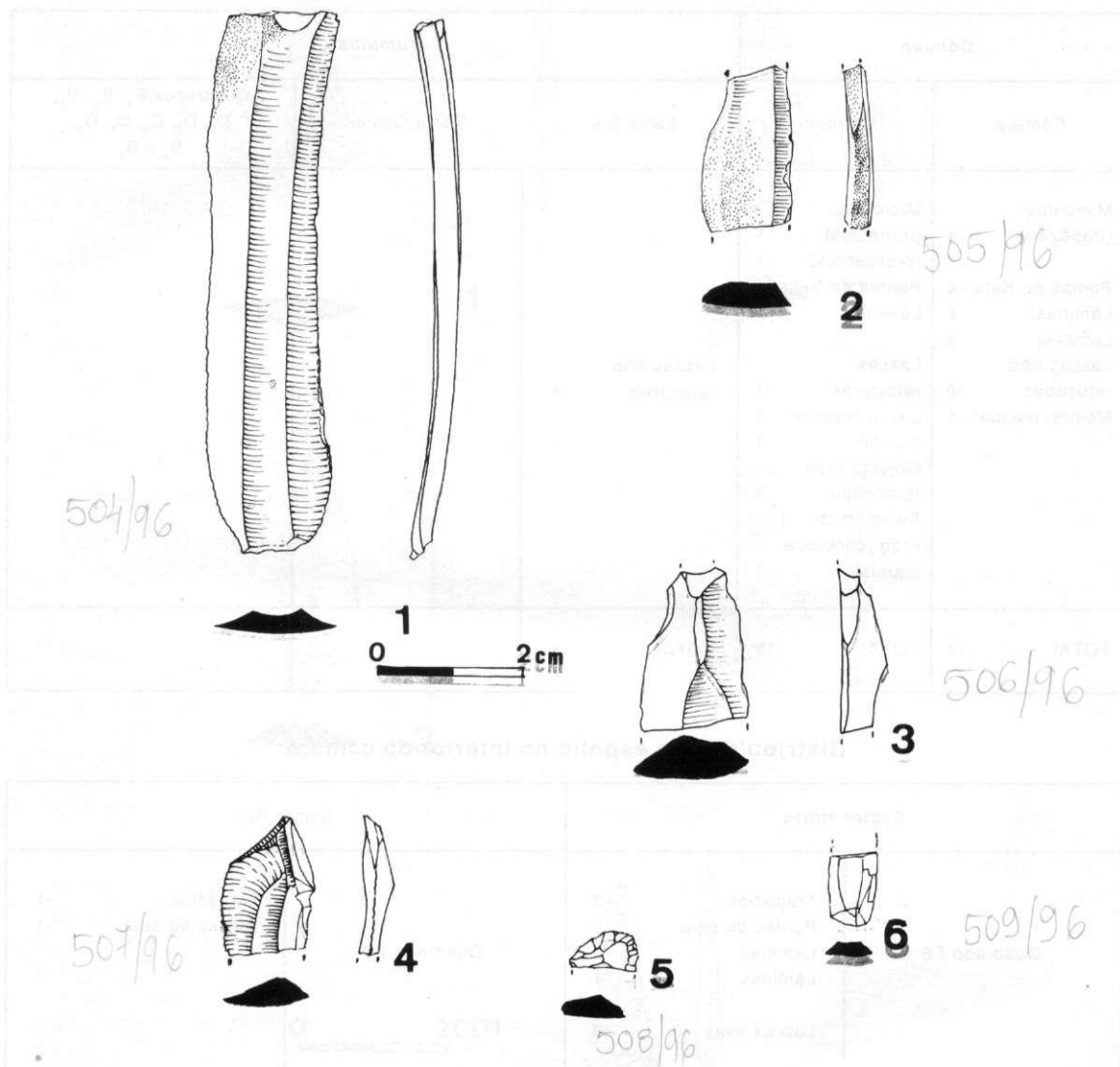


Fig. 17 — Lâminas e lamelas; 1 a 4 — lâminas não retocadas; 5 — fragmento distal de lâmina retocada; 6 — fragmento proximal de lamela.

4.6. — Comentário ao espólio arqueológico

Analisando o quadro de distribuição do espólio concluímos de forma imediata que este é apenas proveniente da câmara e corredor com excepção de uma pequena lasca encontrada nas terras superficiais da sanja Sui e cuja localização resulta, provavelmente, de anteriores violações praticadas no dólmen.

O espólio é mais abundante na câmara do que no corredor, principalmente as pontas de seta e trapézios o que pode traduzir apenas uma maior intensidade de violações na zona do corredor.

No segundo quadro, de distribuição do material no interior da câmara, é de notar o maior número de peças encontradas no lado Norte, correspondendo aos quadrados F6 e F7. Não queremos com isto tirar ilacões de ordem cultural, inadmissíveis nas condições estratigráficas em que o espólio foi encontrado, mas sugerimos que a zona Norte talvez tenha sido menos intervencionada durante as anteriores escavações, principalmente junto aos esteios onde a camada *d* se encontra melhor e no topo da qual encontramos duas peças (o trapézio nº 4 e a ponta de seta nº 4) que poderiam estar *in situ*.

Duma forma geral todos os micrólitos encontrados na câmara, bem como as pontas de seta nº 4 e 5, são provenientes da camada *c* e topo da camada *d*.

A matéria-prima utilizada no fabrico das peças mais destacáveis foi o sílex, embora de diferentes cores e variedades.

De referir que a ponta de seta nº 2, os micrólitos n.ºs 1, 4, 5 e 6 e a lasca residual nº 5 parecem ser todos do mesmo tipo de sílex. Do mesmo modo, os fragmentos das lâminas nº 2 e 3 denotam semelhanças de matéria-prima tal como os micrólitos nº 2 e 3. Também a lâmina nº 1 pode ter sido proveniente do único núcleo que possuímos, dadas as semelhanças de cor.

Teria sido o espólio cerâmico deste monumento constituído apenas por vasos não cozidos? Assim sendo, tal facto poderia explicar a ausência aparente de cerâmicas manuais²⁰, mas nada sabemos de concreto, pelo que poderão estar em jogo na explicação desta ocorrência, a acidez dos terrenos, as grandes violações a que o monumento foi sujeito, bem como qualquer ritual de ordem cultural que desconhecemos. Salientamos, no entanto, a existência de cerâmica manual em mamoaas da região de Sever: Souto do Coval²¹, Terranha e Chão Redondo I - II²² e na região de Escariz (Arouca)²³.

Micrólitos

São bastante frequentes nas mamoaas de Sever²⁴ e de Escariz (Arouca)²⁵ bem como nas da Beira-Alta²⁶ cuja região apresenta, *grasso modo*, condições geomorfológicas semelhantes às da nossa área de trabalho. De notar, tal como nas zonas citadas anteriormente, a presença de crescentes mas

sempre em número inferior aos outros tipos de micrólitos.

Pontas de Seta

O estudo deste material permitiu-nos distinguir três sub-grupos quanto à forma e o processo de fabrico.

No primeiro, incluímos as pontas de seta n.ºs 1, 2 e 3 de base triangular, retoque total não bifacial e alongadas.

O segundo é constituído pela ponta de seta nº 4, apresentando em comum com o anterior a base triangular mas diferindo dele nas demais características: as pontas não são alongadas e tem retoque bifacial total em ambas as faces.

O terceiro, representado pela ponta de seta nº 5, caracteriza-se pelo alongamento da peça, pela presença de um pequeno pedúnculo, por um retoque total bifacial e bordos denticulados ou serrilhados.

Apesar destas distinções as pontas de seta estudadas, parecem poder integrar-se no grupo 1, forma 9, definidos por V. Leisner, G. Zbyszewski e O. V. Ferreira²⁷ com excepção da ponta de seta nº 5 que corresponde melhor à forma 13.

Lâminas e lamelas

Nada há a acrescentar de particular em relação a este grupo com excepção do fragmento distal do exemplar nº 5, com retoques oblíquos, um acabamento superior e feito sobre sílex de boa qualidade, o que não se manifesta nos outros exemplares.

Peças líticas não lascadas

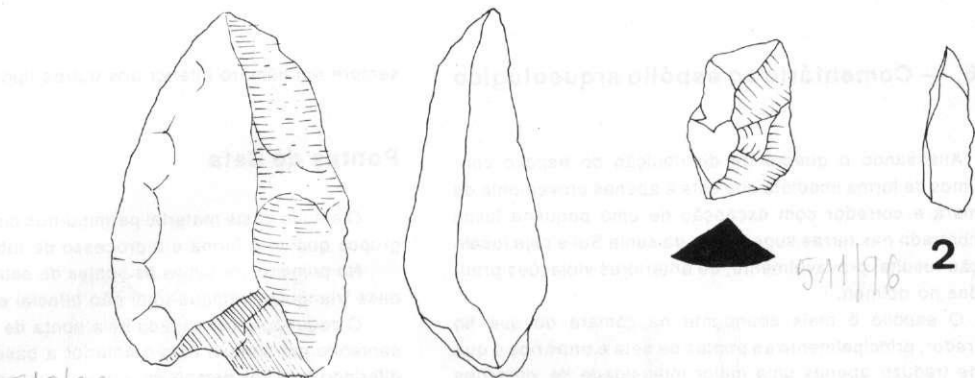
Desconhecemos paralelos para a peça nº 2, que poderá ser natural¹⁸.

Moinho manual

Só exumámos um moinho dormente, fragmentado, cujo significado deve ser o tantas vezes afirmado por V. O. Jorge; o de peças fora de uso, reaproveitados como material de construção. No caso concreto, o moinho foi encontrado no recinto da câmara, perto da base do esteio nº 1, que está fracturado, e poderá ser proveniente da couraça superficial, facto que não deve ser alheio a antigas violações e/ou esca-vações.

5 — Conclusão

A escavação da mamoa 1 da Cerqueira, permitiu-nos compreender a arquitectura deste túmulo, consolidar as



510/96

511/96

2

1

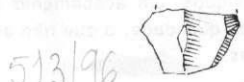


0 2cm



3

512/96



513/96

4



514/96

5

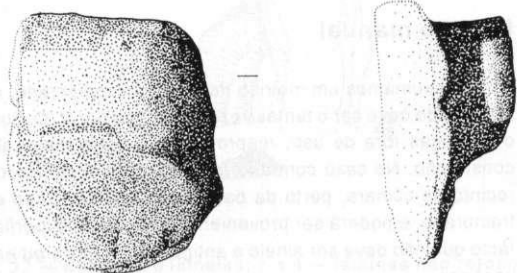


515/96

6



Fig. 18 — 1 — Raspador simples convexo; 2 — lasca não retocada; 3 a 4 — fragmentos de lascas não retocadas; 5 — lasca residual; 6 — núcleo.



16/96

0 3cm



Fig. 19 — Objecto Indeterminado

zonas da câmara e corredor, restaurar o que restava das tampas deste último e alertar as populações locais, que nos visitaram com frequência, para a necessidade de conservarem o seu património local²⁸.

Este monumento que se pode designar de «clássico», é constituído por um montículo artificial onde se inserem uma câmara poligonal e um corredor longo bem diferenciado em planta e alçado, voltado a Nascente.

O montículo ou mamoa propriamente dita, é constituída por uma couraça pétreia superficial, por terras compactadas sob essa couraça e por um anel lítico de contrafortagem em redor da câmara e corredor.

O monumento foi construído sobre uma pequena elevação rochosa irregular o que provocou a inexistência de um «solo antigo» nos sectores Sul e Oeste e a sua ocorrência nos sectores Norte.

O espólio não foi abundante, mas mesmo assim significativo atendendo às escavações e violações anteriores² e merece-nos alguns comentários finais:

— Apesar das condições estratigráficas em que foi encontrado, estamos em crer que ele seria, se não na totalidade, em parte contemporâneo. Saliente-se o facto de

termos quatro micrólitos e uma ponta de seta (a n.º 2) aparentemente do mesmo tipo de sílex e provavelmente do mesmo nódulo²⁹ o que aponta para a mesma cronologia entre estes dois tipos de artefactos. Do mesmo modo, o «ar de família» das pontas de seta n.ºs 1, 2 e 3, sugere uma mesma filiação cronológica.

Ao aceitarmos este pressuposto teríamos assim quatro micrólitos e três pontas de seta cuja contemporaneidade parece poder comprovar-se e estender-se aos micrólitos restantes de tipologia semelhantes aos anteriores.

A ocorrência de micrólitos e pontas de seta neste tipo de monumentos é frequente no Centro-Norte de Portugal, como é o caso dos dólmens de Arouca³⁰, da Beira Alta³¹ ou mesmo no Norte de Portugal³² o que torna a hipótese anterior mais sustentável.

Analisando em conjunto a estrutura arquitectónica, o espólio do monumento e comparando-o com os do Centro-Norte de Portugal já datados³², apontamos para uma cronologia adentro dos finais do IV e primeira metade do III milénio. Aguardamos, no entanto, para maior precisão, os resultados das análises de C₁₄.

APÊNDICE 1

ESPÓLIO DA MAMOA 1 DA CERQUEIRA PROVENIENTE DA CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO DE ABRIL E MAIO DE 1956².

por Ana M. S. Bettencourt

O espólio desta campanha, depositado na sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal-Lisboa, armário lateral n.º 11, foi parcialmente publicado por L. A., CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957.

Nesse artigo, os autores referem objectos líticos, fragmentos cerâmicos e metálicos, publicando desenhos do material por eles considerado mais importantes.

Observando de novo esse material destacámos:

Matéria Prima: Sílex cinzento-claro, com um veio castanho bastante fino. Opaco.

Dimensões: Comp. — 3,10 cm.

Larg. — 1,60 cm.

Esp. — 0,30 cm.

Peça Sup. — lâmina

Secção — losângica

Perfil — curvilíneo

Desenho e Fotografia em CASTRO e outros (Ob. cit.), Fig. 3, 4 e Est. 1.1.

1 — MATERIAL LÍTICO LASCADO

1.1. — Pontas de Seta

N.º 1 — Ponta de seta de base triangular e bordos rectilíneos irregulares. Retoque parcial em ambas as faces, sendo invasor na parte distal e marginal na parte média e proximal da peça.

1.2. — Lâminas

N.º 1 — Lâmina de extremidade arredondada, retocada, de secção trapezoidal e perfil curvilíneo. O retoque é marginal de tipo escamoso em todos os bordos com excepção da parte distal onde ele se torna invasor e plano. No anverso, o retoque verifica-se apenas na parte proximal.

Matéria-prima: Sílex cinzento-claro com presença de cortex na parte distal. Opaco.

Dimensões: Comp. — 8,90 cm.
Larg. — 1,95 cm.
Esp. — 0,70 cm.

Desenho e Fotografia em CASTRO e outros (Ob. cit.), Fig. 3.1 e Est. 1.4.

Nº 2 — Lâmina de extremidade sub-rectilínea, retocada, de secção trapezoidal e perfil curvilíneo. O retoque, fundamentalmente marginal em todos os bordos da peça, só aparece no verso. É de tipo escamoso.

Matéria-prima: Sílex cinzento-claro, com presença de cortex na parte proximal. Opaco.

Dimensões: Comp. — 7,70 cm.
Larg. — 1,50 cm.
Esp. — 0,40 cm.

Desenho e Fotografia em CASTRO e outros (Ob. cit.), Fig. 3.3 e Est. 1.3.

Nº 3 — Lâmina de extremidade rectilínea, retocada, de secção sub-trapezoidal e perfil sensivelmente curvilíneo. Retoque invasor bifacial na extremidade distal da peça e marginal escamoso em parte do bordo esquerdo do verso. Talão facetado.

matéria-prima: Sílex amarelado, com manchas mais escuras. Opaco.

Dimensões: Comp. — 2,40 cm.
Larg. — 1,60 cm.
Esp. — 0,40 cm.

Desenho e Fotografia em CASTRO e outros (Ob. cit.), Fig. 3.2 e Est. 1.2.

1.3. — Lascas

Nº 1 — Lasca residual, provavelmente de preparação do núcleo, não retocada, de secção sub-trapezoidal e talão facetado.

Matéria-Prima: Sílex cinzento-claro com manchas mais escuras e grande percentagem de superfície cortical no bordo esquerdo.

Dimensões: Comp. — 2,40 cm.
Larg. máx. — 1,95 cm.
Esp. — 0,40 cm.

Nº 2 — Lasca residual, lisa

Matéria-Prima: Sílex avermelhado com pigmentos mais escuros e grande percentagem de superfície cortical. Opaco.

1.4. — Núcleos

Nº 1 — Núcleo de lamelas, ligeiramente prismático com plano de fractura liso.

Matéria-Prima: Quartzo bege. Opaco.

Dimensões: Comp. — 2,90 cm.
Larg. — 3,50 cm.

2 — MATERIAL LÍTICO NÃO LASCADO

2.1. — Pequeno disco de xisto, liso, com cerca de 3,20 cm. de diâmetro médio e 0,30 cm. de espessura.

2.2. — Seixo granítico de grão médio que pode ter servido de elemento móvel de moinho.

Dimensões: Comp. — 8,80 cm.
Larg. — 7,70 cm.
Esp. — 3,25 cm.

— Outros elementos líticos recolhidos, nomeadamente uma lasca de quartzo branco, parecem-nos desprovidos de interesse arqueológico.

3 — MATERIAL CERÂMICO

Das várias amostras recolhidas, só dois pequeníssimos fragmentos são de cerâmica manual, não cozida, de cor laranja, tendo um deles uma das superfícies alisadas.

Todos os outros, de pastas variadas mas de fabrico ao torno não são pré-históricos.

4 — MATERIAL METÁLICO

CASTRO e outros (Ob. cit.) referem dois fragmentos de ouro, de pequenas dimensões, lisos, em lâmina, cujo paradeiro procurámos em vão³⁵.

Comentário ao espólio arqueológico:

— A ponta de seta insere-se, tal como as nº 1, 2 e 3 por nós exumadas, no grupo das pontas de base triangular, retoque total não bifacial e alongadas e inscreve-se no grupo 1, forma 9 de V. Leisner, G. Zbyszewski e O. V. Ferreira²⁷.

— As lâminas tem um acabamento superior tal como o fragmento distal do exemplar nº 5 anteriormente descrito.

— O disco de xisto que consideramos intencional sugere-nos, embora de forma hipotética, relações com as placas de xisto do centro e sul de Portugal.

— Os fragmentos de cerâmica manual assemelham-se aos exumados por nós no quadrado F8, z - 2, 64 a -2,84 m.

CONCLUSÃO

Sallentamos que a ponta da seta nº 1 e as lâminas nº 1 e 2, bem como a lasca nº 1 são todas em sílex cinzento-claro, não raro com a presença de cortex o que sugere o mesmo tipo de sílex e aproxima este material do fragmento mesial de lâmina nº 3 por nós exumado.

De igual modo a lâmina nº 3 em sílex amarelado, opaco, assemelha-se bastante à ponta de seta nº 3 descoberta actualmente.

Analisando em conjunto o material descrito verificamos que ele se insere no mesmo mundo tecnológico e tipológico do espólio recentemente exumado e provavelmente no mesmo mundo cronológico pelo que não alteramos a posição anteriormente tomada.

O único factor discordante e que nos poderia apontar para uma reutilização mais tardia do monumento são os dois fragmentos de ouro de que falam CASTRO e outros (Ob. cit.) interpretados por eles como pertencentes a um diadema de tipo de um Alcalar³⁵, informação essa que não pudemos constatar, ficando assim o problema em aberto.

NOTAS

0. Ao Professor Doutor Vítor de Oliveira Jorge expressamos toda a nossa gratidão pelo apoio científico e pedagógico que se tornou fundamental na realização deste trabalho.
- 1 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 473, referem onze monumentos na necrópole da Pedra Moura, cinco dos quais exploraram.
- 2 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 472, referem ter escavado o monumento em Abril e Maio de 1956. Nas páginas seguintes publicam o resultado das escavações levadas a cabo em cinco marcas desta necrópole, entre as quais a Pedra Moura nº 1 nome pelo qual era conhecido o dólmen da Cerqueira.
- 3 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 473 e 474, referem a mamoa do Cabeço do Fojo mas cartografaram-na noutra local. Sairá em breve um inventário preliminar dos monumentos sepulcrais, megalíticos ou não, da serra do Arestal.
- 4 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 473 e 474.
- 5 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 473 e 474.
- 6 Inédita.
- 7 A mamoa seria originalmente maior, mas a abertura de um estradão pelo lado Este e Nordeste, destruiu parte do «tumulus» e do corredor, pelo que ela se insere actualmente numa quadrícula de 20x20.
- 8 O levantamento topográfico foi realizado pelo G.A.T. de Águeda a pedido da Câmara Municipal de Sever do Vouga, nas pessoas dos senhores Alexandre Barros e António Martins.
- 9 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 476 e 478.
- 10 Agradecemos à Câmara Municipal do Sever do Vouga todo o apoio monetário, material e humano que puseram à nossa disposição, durante a realização dos trabalhos. O nosso reconhecimento vai também para as Juntas de Freguesia de Couto de Esteves e Rocas do Vouga, para a Delegação de Turismo de Rota da Luz, para a Delegação do F.A.O.J. de Aveiro, para as empresas Metalovouga, Garagem Amavo-Amaral e Severo de Carvalho, para a Delegação Escolar de Aveiro para a Delegação Regional do Centro do Ministério da Educação que nos dispensou do trabalho escolar durante o período necessário à realização das escavações. Um agradecimento muito particular às Dr.ª Maria José Bento, Maria José Miranda, Maria Teresa Homem Rebelo e ainda a Luís Cabral e a Miguel Moreira e Silva que participaram nos trabalhos.
- 11 O que seria perfeitamente admissível num dólmen de corredor longo como pensamos que este o fosse.
- 12 Corresponde à camada d do corte Sul da sanja Este, na zona da câmara.
- 13 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 477, referem ter escavado a câmara e o corredor mas não especificaram se o fizeram até ao saibro: «*Todo o interior do monumento fora revolido e, segundo parece, mais de uma vez. Alguns moradores de sítios próximos, já de meia idade, informaram-nos de que, em pequenos, o monumento estava muito desentulhado, servindo de abrigo e de local de recreio aos pequenos guardadores de gado. Provou ser profundo revolvimento o facto de se encontrar a mais de um metro, a contar do fundo da câmara, uma das facas de sílex, ao passo que no fundo, junta a base dos esteios, havia caços de garrafas e outros destroços modernos. Todo o entulho era desordenado. Meticulosamente crivadas as terras da câmara e do corredor achámos o seguinte...*»
- 14 G.E.E.M., 1969, p. 355-366.
- 15 Coordenadas: x — distância em relação ao lado Norte do quadrado de 2 m. de lado; y — *idem* em relação ao lado Oeste; z — profundidade em relação ao nível 0 convencional (o ponto mais alto do

- esteio de cobertura do dólmen).
- 16 S. O. JORGE, 1978 a), p. 55.
- 17 J. M. MERINO, 1969, p. 18.
- 18 Citamos o resultado das análises efectuadas pelo Professor Manuel Bernardo de Sousa do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra: «Sobre a referida peça oferece-me fazer as seguintes considerações:
1. O contorno exterior não tem indícios de trabalho. Os entalhes podem ser devidos a causas naturais;
 2. No interior nota-se algum desgaste que poderá ser devido à limpeza da peça;
 3. O corte na peça parece ser um plano de fractura natural;
 4. Observam-se buracos no exterior (à lupa) que são de cristais dissolvidos;
 5. Trata-se de rocha metamórfica com clivagem visível e finos filonetes (quartzosos)».
- 19 Agradecemos o parecer da Doutora Manuela Martins a quem mostrámos os fragmentos cerâmicos em questão.
- 20 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 477, referem o espólio cerâmico deste monumento «... diversos pequenos fragmentos de cerâmica negra, muito dura, bem cozida». Estas cerâmicas foram observadas por nós e correspondem ao mesmo tipo das exumadas recentemente. Há apenas duas excepções: são os fragmentos de pasta friável e avermelhada, alisados no exterior e semelhantes aos que recolhemos no quadrado F8.
- 21 Na sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa), vitrina 11, observámos o fragmento cerâmico citado por L. A. CASTRO, 1957, p. 481. Trata-se de um fragmento de vaso manual, de pasta grosseira com desengordurantes de quartzo de médio e pequeno calibre. É alisado no interior e exterior. A cor é avermelhada com manchas mais escuras. Mede de espessura — 0,75 cm.
- 22 A. M. BETTENCOURT, 1982, p. 40-43; L. A. CASTRO, 1960, p. 154-155.
- 23 F. A. P. SILVA, 1986, p. 71; 1987 a), p. 86; 1987 b), p. 35 e V. O. Jorge em informações particulares, referem espólio cerâmico em diversos monumentos megalíticos de Escariz (Arouca) entre os quais a Mamoa 2 da Aliviada e a Mamoa do Tio Manuel.
- 24 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 478-480; L. A. CASTRO, 1960, p. 154.
- 25 V. O. JORGE, 1982, p. 741-744; F. A. P. SILVA, 1986, p. 69-70; 1987 a), p. 86-89, referem micrólitos nas mamoas do tio Manuel. Calvário e nº 1 da Aliviada (Escariz-Arouca).
- 26 I. MOITA, 1966, p. 251 e 256, indica micrólitos na Orca da Cunha Baixa e na Cova dos Moiros e V. LEISNER, 1970, p. 193-198, nos dólmenes de Carapito I, II, III e IV, Tojais, Mamaltar, Lobagueiro, Fráguas, rio Torto, Seixas e Antelas nº 1 entre outros.
- 27 V. LEISNER, G. ZBYSZEWSKI, O. V. FERREIRA, 1961, p. 34-35 e Pl. C.
- 28 Durante as seis semanas que duraram os trabalhos de escavação, fomos visitados frequentemente pelos habitantes das aldeias vizinhas. De referir, que mantivemos gente da equipa no dólmen durante domingos e feriados, cuja função foi a de prestar esclarecimentos aos visitantes.
- 29 Não fizemos análises microscópicas destas peças, mas a semelhança de matéria-prima é tão evidente a diversos níveis (cor, textura, grau de transparência, pigmentação) que nos pareceu aceitável considerá-las provenientes do mesmo nódulo.
- 30 V. O. JORGE, 1982, vol. 1, p. 741-750; F. A. P. SILVA, 1986, p. 69-70; 1987 a), p. 77-91, publicam pontas de seta de base triangular e micrólitos da mamoa 2 da Aliviada.
- 31 MOITA, 1966, p. 208, p. 242-243, 256-257 e 268-269, refere pontas de seta de base triangular e micrólitos em Mamaltar, na Orca do Tanque, na Cova dos Moiros e na Pedra de Orca. De igual modo, V. LEISNER e L. RIBEIRO, p. 378, referem este tipo de espólio no dólmen da Orca de Castenairas.
- 32 V. O. Jorge, 1982, vol. 1, p. 741-750, refere a mamoa de Guilhabreu onde se exumaram pontas de seta e micrólitos; recentemente, V. O. JORGE e A. M. S. BETTENCOURT, 1988, p. 73-118, publicam o espólio da mamoa 1 de Chã de Parada onde ocorreram aquele tipo de materiais.
- 33 S. O. JORGE, 1978 b), p. 379, nomeia as datações absolutas obtidas para os dólmenes de corredor: «... a datação de Carapito I (Conc. Aguiar da Beira, Distrito da Guarda): C_{14} -2900 ± 40 a.C. (3700 A.C.); C_{14} -2640 ± 65 a.C. (3400 A.C.)», «... Orca dos Castenairas (Fráguas, Vila Nova de Paiva, Distrito de Viseu): C_{14} -3110 ± 50 a.C. (3900 A.C.); C_{14} 2660 ± 50 a.C. (2400 A.C.) e Orca de Seixas (Moimenta da Beira, Distrito de Viseu): C_{14} -2950 ± 40 a.C. (3700 A.C.)».
- 34 Desenhos de José Augusto Alves Dias e José Luis Madeira.
- 35 L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA, 1957, p. 477, referem: «O mais importante do mobiliário deste dólmen foram os dois pequeninos fragmentos de diadema de ouro. Um deles é pequeníssimo. Mostram ter pertencido a um diadema de tipo de um de Alcalar (...), também em delgadíssima lâmina de ouro, mas sem ornamentação».
- Procurámos as peças em questão na vitrina onde se encontrava o restante espólio do monumento,

bem como nos cofres do Museu por indicação do Doutor O. Veiga Ferreira, mas infelizmente elas parecem ter desaparecido.

O nosso agradecimento ao Doutor Miguel Ramalho pelas facilidades concedidas no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa).

BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A. M. S. — 1982. A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro. «*Arqueologia*» nº 5, Junho, p. 40-43.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. — 1957. Acerca dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga. «*Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Ciências Histórico e Filológicas*», T. 8, p. 471-481.
- CASTRO, L. A. — 1960. Monumentos megalíticos de Chão Redondo. «*Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*», vol. 14, fasc. 1-2, Porto, p. 145-174.
- G.E.E.M. — 1969. Epipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques. «*Bull. Société Pré-hist. Française*», nº 66, p. 355-366.
- JORGE, S. O. — 1978 a). Pontas de seta provenientes dos túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal. «*Mínia*», 2ª sér. vol. 1, fasc. 2, p. 99-175.
- JORGE, S. O. — 1978 b). O Megalitismo no contexto neolítico peninsular. «*Rev. de Guimarães*», vol. 88, Jan.-Dez., p. 369-387.
- JORGE, V. O. — 1982. O Megalitismo do norte de Portugal: o Distrito do Porto — Os monumentos e a sua problemática no Contexto Europeu. (2 vols.). (Dissertação do Doutoramento, Faculdade de Letras, Porto).
- JORGE, V. O.; BETTENCOURT, A. M. S. — 1988. Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987). «*Arqueologia*», nº 17, Junho, p. 78-118.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. — 1961. Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme. «*Serviços Geológicos de Portugal; Memória nº 8, Nov., sér., Lisboa*.
- LEISNER, V.; RIBEIRO, L. — 1966. A escavação do Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas-Vila Nova de Paiva. «*Lycerna*», vol. 5, p. 376-382.
- LEISNER, V.; RIBEIRO, L. — 1968. Die Dolmen von Carapito. «*Madrider Mitteilungen*», nº 9, p. 11-62.
- LEISNER, V. — 1970. Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmenes portugueses. «*Actas das 1.ªs Jornadas Arqueológicas*», vol. 2, Lisboa, p. 193-198.
- MERINO, J. M. — 1969. Tipologia Lítica. «*Munibe*», año XXI, 1-3.
- MOITA, I. — 1966. Características predominantes do grupo dolmênico da Beira Alta. «*Ethnos*», vol. 5, Lisboa, p. 189-298.
- SILVA, F. A. P. — 1986. Monumentos megalíticos da Freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos. «*Trab. Antrop. e Etnol.*», vol. 26, fasc. 1-4, p. 51-74.
- SILVA, F. A. P. — 1987 a). Escavação da mamoa 2 da Alviada (Alviada) — Escariz-Arouca 1984. «*Arqueologia*», nº 15, Junho, p. 77-91.
- SILVA, F. A. P. — 1987 b). Características do megalitismo na Freguesia de Escariz (Arouca). «*Actas das 1.ªs Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*» (26-28 Setembro 1986), Arouca.

Julho/ Agosto de 1989

12ª Campanha de escavações do

CAMPO ARQUEOLÓGICO DA SERRA DA ABOBOREIRA

incluindo acções de conservação e restauro de monumentos megalíticos em colaboração com o S.R.A.Z.N. do I.P.P.C.